

ANTES E DEPOIS:
ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE SEMÂNTICA
E PRAGMÁTICA

1. O estudo que aqui se apresenta dá continuidade a uma investigação que temos vindo a desenvolver em torno de um conjunto de advérbios de tempo que adquirem, em certos contextos discursivos, valores que, não pertencendo já à esfera semântica temporo-aspectual, contribuem para a construção de conexões discursivas de natureza diversa(1).

O objectivo central da pesquisa consiste, em primeiro lugar, numa descrição tanto quanto possível exaustiva dos diferentes valores discursivos atestados; em segundo lugar, equaciona-se a possibilidade de um tratamento (parcialmente) integrado, analisando, em termos de 'parencas de família', os nexos que interligam os diferentes valores.

(1) Este projecto de investigação decorre no âmbito do C.E.L.G.A., Unidade de I&D 17/287. Vejam-se os seguintes estudos de ANA CRISTINA M. LOPES, '*Então*': *elementos para uma análise semântica e pragmática*. In: *Actas do XII Encontro da APL*, vol. I, Lisboa (Colibri), 1997, p. 177-190; IDEM, *Contribuição para o estudo dos valores discursivos de 'sempre'*. In: *Actas do XIII Encontro da APL*, vol. II, Lisboa (Colibri), 1998, p. 3-14; IDEM, *Contribuição para o estudo semântico-pragmático de 'agora'*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXII, 1999, p.363-376; IDEM, '*Ainda*'. In: *Actas do Colóquio Internacional "A investigação do Português: balanço crítico e discussão do ponto actual das investigações"*, Berlim (no prelo); IDEM, *Contributos para uma análise dos valores temporais e discursivos de 'logo'*. In: *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Organização de ISABEL HUB FARIA. Lisboa (Edições Cosmos. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 1999, p. 433-443.

Uma avaliação final dos resultados, coadjuvada por trabalhos de natureza diacrónica, poderá validar a hipótese da mudança semântica unidireccional defendida por E. Traugott e E. König(1), cujas tendências são assim formuladas: **(i) Tendência semântico-pragmática I:** significados baseados na situação externa descrita > significados baseados na situação interna (avaliativa / perceptiva / cognitiva); **(ii) Tendência semântico-pragmática II:** significados baseados na situação externa ou interna descrita > significados baseados na situação textual e metalinguística; **(iii) Tendência semântico-pragmática III:** os significados tendem a localizar-se cada vez mais na atitude/estado de crença subjectivo(a) do falante perante a proposição.

A estrutura deste trabalho é a seguinte: numa primeira parte, analisam-se os valores de *antes*. O ponto de partida envolve a análise dos valores espaciais e temporais; seguidamente, descreve-se o valor preferencial que este item pode assumir em determinadas construções comparativas; percorrem-se, ainda, os valores rectificativo e refutativo das expressões *ou antes* e *antes pelo contrário*; por último, analisa-se o valor de *antes* como marcador de estruturação textual/discursiva.

Na segunda parte (que começa no parágrafo 6.), percorrem-se os diferentes usos de *depois*. Num primeiro momento, identificam-se e caracterizam-se os seus valores espaciais e temporais; em seguida, descreve-se o seu valor de ordenação em escalas avaliativas; os usos argumentativos e de ordenação textual concluem a nossa análise. Seguem-se algumas considerações finais.

O 'Corpus' de Referência do Português Contemporâneo (sub-corpus oral) forneceu-nos o material empírico que sustenta

(1) Veja-se E. TRAUGOTT e E. KÖNIG, *The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited*. In: E. TRAUGOTT e B. HEINE (eds.), *Approaches to Grammaticalization*, vol. I, Amsterdam (John Benjamins), 1991, p. 189-218.

a nossa análise. Acrescente-se, porém, que também recorremos a exemplos construídos.

2. Antes: valor espacial

Atente-se no seguinte exemplo:

(1) *Antes do rio, está uma casa abandonada.*

São surpreendentemente escassas no nosso *corpus* as ocorrências de *antes* com um valor espacial (encontrámos apenas 2 num conjunto de 222, ou seja, em termos percentuais, 0,9%)(1).

Uma explicitação do valor espacial da locução preposicional *antes de* envolve a consideração de uma relação de ordem no domínio do espaço. Quando se utiliza a locução preposicional espacial *antes de* exprime-se uma localização no espaço que pressupõe a tomada em consideração de um caminho ou de um trajecto, delimitado por um pólo inicial e por um pólo final. Normalmente, o pólo inicial desse trajecto é o espaço ocupado pelo locutor, coincidindo o trajecto com a linha do olhar do próprio locutor, e o pólo final é uma entidade que se encontra no espaço perceptivo do observador(2).

(1) Etimologicamente, *antes* possui um significado espacial e temporal (do latim *ante*, preposição que significa *diante de* e também *antes*, na esfera do tempo. Diz-se em Corominas e Pascual que, na Idade Média, *ante* aparece quer como advérbio, quer como preposição, com significado espacial e temporal – Cf. J. COROMINAS e J. A. PASCUAL, *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, vol. III, Madrid (Gredos), 1989, p. 277. Said Ali diz que «um único advérbio com aumento de -s, *antes* por *ante*, conseguiu implantar-se na linguagem literária [portuguesa] acabando por cercar o domínio da forma primitiva. Deve-se a inovação, ao que parece, à influência de alguns advérbios (*depois*, *atrás*) de significação correlata terminados em consoante sibilante. De notar é todavia que, funcionando como preposição, *ante* jamais sofreu mudança». – Cf. SAID ALI, *Gramática histórica da língua portuguesa*, São Paulo (Ed. Melhoramentos), 1964, p. 195.

(2) Neste sentido, a organização da referência espacial é basicamente deíctica.

Há um movimento potencial do pólo inicial na direcção do pólo alvo final, sendo o espaço referenciado pela expressão introduzida por *antes de* situável num segmento do trajecto que antecede o alvo. Como o tempo é um factor necessário para o movimento, facilmente se compreende a contaminação dos valores espaciais e temporais. Parece haver um isomorfismo entre a conceptualização do espaço e a conceptualização do tempo em português, sendo a metáfora da Viagem aplicável a ambos os domínios(1).

3. Antes: valores temporais

Atente-se nos seguintes exemplos:

(2) Actualmente, a televisão substituiu a conversa; *antes*, as pessoas falavam mais entre si.

(3) «*Antes* davam e aquilo era distribuído aos pobres (...) Agora já não fazem isso» [Ref.: 111P100].

(4) O João chegou ao meio-dia, mas a Patrícia veio *antes*.

(5) A Ana vai aparecer às 7h, mas o Pedro vem *antes*.

(6) «(...) a notícia desse encontro era pública, *antes* da visita do presidente da república (...)» [Ref.: O171]

(7) «*Antes de* vir para aqui é fermentado ali naquelas tulhas» [Ref.: 740-11-N02-003-40-M-H-1-2-00]

(8) «*Antes* do Freud, surge um indivíduo que pela primeira vez faz uma experiência fabulosa» [Ref.: 349-10-A00-040-46-M-A-6-8-F]

(9) «Aí, em Junho de sessenta e nove, não foi? -Foi, em Junho de sessenta e nove fui cantar à, ao Zip-Ah, mas *antes* disso (...) muito antes disso a minha mãe propôs-me, e tal, quer dizer, tocar um instrumento» [Ref.: 1167-22-A00-027-20-M-A-4-8-0].

(1) Sobre os valores de *antes* e *depois* na ordenação espacial das unidades dentro do texto, no português europeu contemporâneo, veja-se HANNA J. BATORÉO, *Factores linguísticos, cognitivos e culturais na definição do modelo espaço-temporal do texto*. In: *Actas do XII Encontro da APL*, Lisboa (Colibri), 1997, p. 61-71. Veja-se ainda C. VANDELOISE, *L'espace en français. Sémantique des prépositions spatiales*, Paris (Seuil), 1986.

Como se pode intuir através dos exemplos, *antes* pressupõe uma divisão do eixo do tempo em duas metades, a partir de um ponto de referência, e localiza situações num intervalo de tempo de fronteiras indefinidas anterior a esse ponto de referência.

Antes expressa, assim, uma relação de precedência temporal, a partir de um ponto de referência que pode pertencer à esfera do presente, do passado ou do futuro. Este advérbio funciona como um predicador de dois lugares, sendo os argumentos situações. Mantém com *depois* uma relação conversa de precedência/sequência no eixo do tempo.

Por outras palavras, sendo *a* e *b* situações temporalmente ordenadas graças à ocorrência do localizador temporal *antes*, então *antes (a,b)* equivale a *depois (b,a)*, graças justamente à relação semântica conversa que se verifica entre os dois lexemas.

Trata-se de um localizador temporal intrinsecamente vago, já que não é possível medir a amplitude do intervalo de tempo por ele circunscrito. *Antes* apenas estabelece uma relação de precedência temporal relativamente a um ponto de referência, o que significa que não promove uma localização temporal autónoma ou independente. No português contemporâneo, *antes* pode ocorrer como operador temporal isolado, sem complementos, funcionando quer como localizador temporal directamente dependente do tempo da enunciação, quer como localizador temporal dependente de uma referência temporal previamente expressa no contexto discursivo, anaforicamente recuperável.

Frequentes são também as ocorrências da locução *antes de*, operador temporal que se aplica directamente a SN ou F e que continua semanticamente a funcionar como localizador temporal.

Analisam-se seguidamente os diversos usos atestados.

3.1. *Antes e antes o*

Em (2) e (3), o ponto de referência é o Presente (um presente alargado, circunscrito pelo advérbio *actualmente*, que inclui o intervalo de tempo da enunciação):

(2) Actualmente, a televisão substituiu a conversa; *antes*, as pessoas falavam mais entre si.

(3) «*Antes* davam e aquilo era distribuído aos pobres (...) Agora já não fazem isso».

Antes funciona deicticamente, operando na dependência directa do tempo da enunciação, e marca uma relação de anterioridade relativamente ao Presente, sendo parafraseável por *outrora*, *antigamente* ou *dantes*. Assinale-se que seria perfeitamente interpretável o enunciado (2) reduzido à segunda frase, sendo então mais clara a dependência directa do tempo da enunciação.

Em (4), o ponto de referência expresso pelo adjunto adverbial temporal *ao meio-dia* situa-se na esfera do Passado, circunscrita pelo Pretérito Perfeito Simples *chegou*:

(4) O João chegou ao meio-dia, mas a Patrícia veio *antes*.

Antes identifica um intervalo de fronteiras indefinidas que precede esse ponto de referência. Em construções deste tipo, *antes* opera sobre uma expressão de natureza pronominal vazia (*antes* \emptyset), de natureza anafórica, ou seja, cuja referência depende do valor referencial de uma outra expressão presente no contexto discursivo anterior.

Antes seria então equivalente a *antes disso*, no caso ver-tente, *antes do meio dia*. Trata-se claramente de um adverbial de localização temporal dependente, já que comporta uma instrução de localização que pressupõe o processamento prévio de um outro tempo de referência, discursivamente expresso.

Em (5), o ponto de referência expresso pelo adjunto adverbial *às 7h* situa-se na esfera do Futuro, circunscrita pelo construção perifrástica *vai aparecer*:

(5) A Ana vai aparecer às 7h, mas o Pedro vem *antes*.

Podemos novamente considerar que *antes* opera sobre uma expressão vazia, de natureza pronominal, com um valor referencial anafórico; concretamente, *antes* identifica, neste caso, um intervalo de tempo que antecede as 7 horas.

3.2. *Antes de*

Nos exemplos (6) a (9), encontramos a expressão *antes de*, tradicionalmente classificada como locução prepositiva, seguida de SN ou F.

(6) «(...) a notícia desse encontro era pública, *antes da* visita do presidente da república (...)».

(7) «*Antes de* vir para aqui é fermentado ali naquelas tulas».

(8) «*Antes do* Freud, surge um indivíduo que pela primeira vez faz uma experiência fabulosa».

(9) «Aí, em Junho de sessenta e nove, não foi? -Foi, em Junho de sessenta e nove fui cantar à, ao Zip-Ah, mas *antes disso* (...) muito *antes disso* a minha mãe propôs-me, e tal, quer dizer, tocar um instrumento».

Em (6), o adjunto adverbial temporal envolve o operador *antes de* e um SN; em (7), a configuração sintáctica é diferente, uma vez que o complemento do operador é uma oração infinitiva; em (8), o complemento do operador é um SN. Nestes casos, independentemente da configuração sintáctica, *antes de* SN/F funciona sempre como localizador temporal, e SN e F são expressões que identificam intervalos de tempo ou descrevem situações(1). As expressões a que *antes de* se aplica directamente circunscrevem os pontos de referência a partir dos quais o operador *antes* estabelece uma relação de anterioridade.

Em (9), o complemento do operador é um SN lexicalmente preenchido por um pronome demonstrativo anafórico, ou seja, uma expressão sem autonomia referencial; torna-se, pois, necessário recorrer ao contexto verbal para encontrar o antecedente

(1) Em (8), o nome próprio Freud refere metonimicamente o intervalo de tempo em que viveu a entidade que esse nome designa rigidamente.

que o termo anafórico retoma; no caso vertente, o antecedente é o localizador temporal *Junho de sessenta e nove*; *antes* expressa uma relação de precedência temporal relativamente a este ponto de referência discursivamente recuperado.

O *corpus* mostra-nos que, quando o ponto de referência vem explicitado não no discurso anterior, mas no discurso subsequente, o locutor selecciona o demonstrativo *isto*.

Veja-se o exemplo (10), que ilustra claramente um uso catafórico do demonstrativo:

(10) «*Antes disto, antes da confecção estar modernizada (...) uma peça de vestuário exterior era sempre um problema para quem comprava*» [Ref.: 1132-04-B00-036-55-M-B-3-6-B].

Podemos, então, concluir a análise desenvolvida nos parágrafos 3.1. e 3.2. dizendo que o adjunto adverbial *antes* (ou introduzido por *antes*) não é um localizador temporal independente: quando ocorre isolado, em variação livre com *dantes*, opera na dependência directa do tempo da enunciação e funciona em contraste simétrico com *agora*; nos outros casos, opera (i) na dependência directa de SN ou F, expressões que semanticamente circunscrevem pontos de referência temporal ou (ii) na dependência anafórica de um antecedente contextualmente recuperável.

Em todos os casos, *antes* localiza uma situação *s* num intervalo de tempo *t*, intrinsecamente vago, sendo *t* anterior a um ponto de referência *r*. É, pois, no quadro da localização temporal relativa que *antes* opera.

No *corpus*, são muito mais expressivas, do ponto de vista quantitativo, as ocorrências não deícticas de *antes*. Com efeito, com um valor deíctico simétrico ao de *agora*, apenas detectámos 10 ocorrências inequívocas de *antes*, num total de 222 ocorrências com valor temporal, o que equivale a 4,5%(1).

(1) Mencione-se a possibilidade de ocorrência de *antes* no adjunto adverbial deíctico *antes de ontem*, que aparece uma vez no *corpus* [Ref.: 909-14-P00-004-F-D-0-6-00].

O *corpus* mostra-nos que são muito mais frequentes os casos em que o localizador temporal envolve a expressão *antes de* aplicada directamente a N, SN ou F (67% das ocorrências), sendo ainda relevantes, do ponto de vista quantitativo, os casos em que *antes* se aplica a um complemento vazio (*antes* \emptyset), de natureza anafórica, cuja saturação semântica implica o recurso ao discurso precedente (12,6%).

3.3. X-Tempo antes e X-tempo antes de

Vejam agora duas construções distintas das anteriores, em que *antes* ocorre posposto a um SN que expressa uma determinada quantidade de tempo e tipicamente envolve uma interpretação anafórica:

(11) A Ana disse que o Pedro tinha chegado cinco dias *antes*.

(12) «(...) o Iraque poderia ir, num caminho muito diferente, daquele que tinha apresentado dois dias *antes*» [Ref.: OP2304C0088XPP18F991PXXXXX].

Em (11), estamos perante um contexto de discurso relatado ou indirecto. Em discurso directo, obteríamos o enunciado (11'):

(11') O Pedro chegou há cinco dias.

Em (11), o locutor reproduz um discurso alheio, o discurso expresso em (11'); neste, a localização temporal do evento descrito — a chegada do Pedro — é feita a partir do intervalo de tempo da enunciação. Assim, a chegada do Pedro é localizada de forma precisa num intervalo de tempo calculado a partir do dia em que a enunciação de (11') tem lugar: *há cinco dias* é, pois, um localizador temporal deíctico, que identifica o intervalo de localização do evento descrito. Em (11), a localização temporal do evento 'chegada do Pedro' faz-se não a partir do *agora* da enunciação, mas sim a partir do *então* da enunciação do discurso que está a ser reproduzido.

Assim, parece possível concluir que, em contextos deste tipo, o correlato anafórico do localizador temporal deíctico ‘há x (quantidade de) tempo’ é ‘x tempo antes’.

Em (12), o ponto de referência a partir do qual se processa o valor temporal localizador da expressão ‘dois dias antes’ situa-se também na esfera do passado.

A expressão em apreço só pode ser referencialmente interpretada de forma precisa se soubermos qual o dia da esfera do passado que está a ser tomado como ponto de referência. A escassa dimensão do contexto, no exemplo que estamos a comentar, não permite especificar/identificar o intervalo de tempo relevante; de qualquer modo, ‘dois dias antes’ envolve uma instrução no sentido da retoma de informação temporal contextualmente expressa.

O parâmetro que preside à distribuição complementar das expressões ‘x tempo antes’ e ‘há x tempo’ é a relação entre o ponto de referência a partir do qual se perspectiva a localização temporal da situação descrita e o tempo da enunciação: se o ponto de referência é o presente, então a expressão de um valor de anterioridade a esse ponto, mediante uma operação de medição temporal, envolve o recurso a uma expressão introduzida pelo verbo *haver*; se o ponto de referência é o passado, a expressão de uma relação de anterioridade passa por uma expressão do tipo ‘x tempo antes’(1). Veja-se agora o exemplo (13):

(13) Ele chegou um mês *antes da* partida do irmão.

Neste caso, temos uma construção do tipo *x-tempo antes de SN*, sendo SN uma expressão que refere um intervalo de tempo. Facilmente poderíamos comutar SN por F, sendo F uma oração infinitiva. Em contextos deste tipo, o ponto de referência

(1) A noção de distribuição complementar apenas diz respeito às construções em que a expressão ‘há X tempo’ representa o intervalo de localização (‘há x tempo’ = ‘em há x tempo’) e não a sua fronteira inicial.

a partir do qual *antes* opera, marcando uma relação de anterioridade, aparece expresso no complemento do operador; a anteposição do predicado de quantidade de tempo (x-tempo) funciona como um auxiliar de especificação temporal, permitindo uma identificação mais precisa do intervalo de tempo relevante em termos de localização da situação descrita.

3.4. *Antes que*

O *corpus* atesta ainda uma outra construção de valor temporal em que ocorre *antes*, ou melhor, a tradicionalmente chamada locução conjuncional *antes que*. São, no entanto, escassas as ocorrências desta locução (apenas 6). Veja-se o seguinte exemplo:

(14) «(...) de modo que viemos embora *antes que* aquilo acabasse» [Ref.: 19-09-C00-015-19-F-J-5-7-00].

(15) «Estão precisamente a fazer isso agora *antes que* chegue o Verão» [Ref.: 1060-04-J00-006-47-M-B-3-3-A].

Antes que funciona como conector temporal introdutor de uma oração subordinada. Tal como nas orações infinitivas introduzidas por *antes de*, também nestas subordinadas se descrevem situações que funcionam como ponto de referência para a localização da situação expressa na oração principal. Parece haver uma equivalência semântica entre as orações introduzidas por *antes de* e *antes que*; a título de exemplo, veja-se (15’), paráfrase de (15):

(15’) Estão precisamente a fazer isso agora *antes de* chegar o Verão.

No entanto, nos casos em que o verbo da oração principal está flexionado num tempo do passado, *antes de* funciona claramente como um activador pressuposicional, o que não acontece de forma tão evidente com *antes que*. Confrontem-se os enunciados (14) e (14’):

(14’) (...) de modo que viemos embora *antes de* aquilo acabar.

Ao asserir (14'), o locutor pressupõe que 'aquilo acabou'; quanto ao enunciado (14), a interpretação que me parece mais aceitável e mais intuitiva suspende tal pressuposição. Julgo que a ocorrência do Conjuntivo desempenha um papel relevante no cancelamento da pressuposição. Ao seleccionar uma forma de Conjuntivo o falante apenas representa a possibilidade de ocorrência de uma situação.

3.5. É sabido que os adjuntos de localização temporal podem apresentar uma diversidade de configurações sintácticas — sintagmas adverbiais, sintagmas preposicionais, frases subordinadas finitas e infinitivas introduzidas por conectores temporais e até sintagmas nominais. Os adjuntos que envolvem a ocorrência de *antes* são um exemplo paradigmático a este propósito. Seja qual for a configuração/categoria sintáctica, trata-se sempre de um adjunto a SV.

Do ponto de vista semântico, qualquer adjunto adverbial de localização temporal contribui claramente para as condições de verdade da frase em que ocorre.

Assim, pode ser analisado em termos verocondicionais: a frase é verdadeira se a situação nela descrita tiver ocorrido no intervalo de tempo delimitado pelo adjunto adverbial. No caso de o adjunto assumir a forma de uma oração subordinada, importa realçar que o valor de verdade da estrutura frásica complexa resultante da conexão estabelecida por *antes de* ou *antes que* não depende exclusivamente da verdade das proposições articuladas; é necessário que se verifique ainda a relação de temporalidade expressa pelos conectores.

Largamente maioritário no corpus (80,1% das ocorrências), o valor temporal de *antes* parece constituir, de facto, o valor prototípico, a partir do qual terão derivado outros, como se verá mais adiante.

3.6. Compatibilidades de *antes de* com diversas classes de *aktionsart*(1)

Dado que alguns conectores temporais interagem com o valor de *aktionsart* das orações que introduzem(2), pareceu-nos pertinente avaliar o comportamento de *antes de* neste âmbito(3). Trata-se, pois, de analisar se *antes de* impõe restrições de *aktionsart* na situação descrita no complemento do operador. *Antes de* pode co-ocorrer com as quatro classes de *aktionsart* definidas por Vendler(4).

Assim, vejamos os exemplos:

(16) *Antes de* viver em Coimbra, a Paula era uma pessoa optimista.

(17) *Antes de* fumar, o João nunca teve problemas de saúde.

(18) *Antes de* escrever o romance, o João parecia feliz.

(19) *Antes de* conhecer a Ana, o João vivia tranquilo.

Em (16) e (17), *antes de* combina-se, respectivamente, com um predicado estativo e um predicado de actividade, dando origem, em ambos os casos, a uma leitura incoativa, ou seja, uma leitura que envolve a referência à fronteira inicial do estado ou da actividade: *antes de começar a viver em Coimbra*, *antes de começar a fumar*. Parece-me possível parafrasear as duas orações infinitivas em apreço através de uma oração temporal introduzida por *quando*:

(16') Quando ainda não vivia em Coimbra...

(17') Quando ainda não fumava...

(1) Usa-se a expressão 'classe de *aktionsart*' como sinónimo de classe aspectual da expressão predicativa.

(2) Veja-se a este propósito M. MOENS, *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Ph. D. Dissertation, University of Edinburgh, 1987.

(3) Não contemplamos o conector *antes que* dada a pouca vitalidade que manifesta no português europeu oral contemporâneo, a avaliar pelo escasso número de ocorrências no corpus.

(4) Z. VENDLER, *Linguistics in Philosophy*, Ithaca (Cornell University Press), 1967.

Já em (18), *antes de* co-ocorre com um predicado de *accomplishment*, dando origem a uma frase ambígua: *antes de escrever o romance* tanto pode *significar antes de começar a escrever o romance* (e nesta leitura *antes de* permitiria a representação de um intervalo de tempo anterior à fase preparatória do evento) como pode *significar antes de ter escrito o romance* (e neste caso *antes de* focalizaria um intervalo de tempo anterior ao ponto de culminação do evento e ao seu estado resultante). Dada a ambiguidade referida, haverá então duas paráfrases aceitáveis:

(18') Quando ainda não tinha começado a escrever o romance...

(18'') Quando ainda não tinha escrito o romance...

Em (19), *antes de* co-ocorre com um predicado de *achievement*; neste caso, não há qualquer ambiguidade: dado o carácter [+pontual] e [-télico] desta classe de *aktionsart*, a ocorrência de *antes de* apenas permite circunscrever um intervalo anterior ao evento.

4. Valores não temporais de *antes*

4.1. *Antes* com valor preferencial

No *corpus*, este é o segundo valor mais significativo de *antes*, em termos de ocorrências. Percentualmente, verificam-se 5,4%. Vejam-se os seguintes exemplos:

(20) *Antes* quebrar que torcer.

(21) *Antes* quero que ele envie o texto por fax do que por correio electrónico.

(22) «Eu hoje dizia que *antes* queria três, três filhos do que um fi (...), dois filhos e uma rapariga» [Ref.: O1700]

(23) Então, o João acabou por confessar! *Antes* assim!

No contexto *antes p que q*, *antes* perde em absoluto o seu valor temporal. Os enunciados (20), (21) e (22) ilustram con-

textos volicionais, em que o falante convida o interlocutor a inferir que o conteúdo expresso em *q* é algo que ele não quer ou não quer fazer(1).

A relação semântica interproposicional expressa é de natureza comparativa e envolve uma escala avaliativa de tipo axiológico. *Antes* envolve uma comparação implícita entre duas situações, e implica a atribuição, a cada uma delas, de valores distintos e ordenados dentro de uma escala. A proposição prefaciada por *antes* é subjectivamente avaliada pelo falante como melhor ou preferível, relativamente a uma outra(2). Parafra-seável em (20) por *mais vale* – expressão que aliás também poderia substituir *antes quero*, em (21) –, *antes* permite definir um espaço ordenado de natureza valorativa.

Assim, verifica-se uma derivação do plano da ordenação no eixo do tempo para o plano da ordenação numa escala avaliativa axiológica. Esta derivação semântica parece ilustrar a **tendência I** definida por Traugott e König e referida no início deste trabalho: ao marcar a preferência de uma entidade por uma situação, *antes* assume um significado eminentemente avaliativo.

Em (23), o locutor, através da expressão *antes assim* (sendo *antes* parafra-seável, de novo, por *mais vale*), avalia como positiva e melhor a situação descrita na frase precedente(3). A comparação implícita é justamente desencadeada pela ocorrência de *antes*. Quando não se explicita o segundo termo da comparação, isto é, quando apenas ocorre a construção *antes p*, julgo que esse segundo termo se identifica com a

(1) O desenvolvimento histórico de adverbiais de preferência a partir de adverbiais de tempo ocorre em muitas outras línguas. Sobre o assunto, veja-se E. TRAUGOTT e E. KÖNIG, *op. cit.*, p. 203-207.

(2) Note-se que a entidade à qual se atribui a avaliação não tem necessariamente de ser o locutor, pode ser o sujeito da frase. Vejam-se os seguintes enunciados:

Tu antes quiseste jogar pelo seguro.

Ele antes quis jogar pelo seguro.

(3) Note-se que *assim* reenvia anaforicamente para o conteúdo proposicional da frase precedente.

negação de *p*: *antes p que não p*. Neste contexto, e conjugado com a curva entonacional exclamativa, *antes* aparece como suporte de um acto ilocutório expressivo.

Note-se desde já o nexos conceptual entre o valor temporal e o valor preferencial de *antes*: a ordenação no eixo do tempo em termos de precedência relativamente a um ponto de referência deu lugar a uma ordenação num eixo ou numa escala avaliativa. De qualquer modo, a noção de ordenação mantém-se, variando apenas a natureza da escala.

4.1.1. Abrimos agora este parágrafo para dar conta de um valor que nos parece constituir uma subespecificação do valor que temos vindo a analisar. Vejam-se os exemplos seguintes:

(24) Estás-me a dizer que o João é tímido?! *Antes fosse!*

(25) «Ele estava a falar no cão mas eu nessa altura não tinha cão - *antes tivesse!*» [Ref.: O1713]

Nos dois casos, *antes* co-ocorre com formas verbais no Imperfeito do Conjuntivo, e numa frase exclamativa. Em (24), ao dizer *antes fosse*, o locutor implícita que o João não é, de facto, tímido, refutando uma intervenção prévia do interlocutor, e simultaneamente expressa a sua atitude face ao estado de coisas implícitado. Essa atitude poderia ser traduzida por um advérbio de frase modalizador, pelo que uma paráfrase aproximada de ‘antes fosse’ seria ‘infelizmente, não é’. Em (25), ao enunciar *antes tivesse*, o locutor implícita que, de facto, não tem um cão e deplora/lamenta essa situação.

Trata-se de uma construção que exprime a contrafactualidade (note-se que podemos acrescentar às frases *mas não é*). O acto ilocutório directamente realizado pela enunciação da frase exclamativa é um acto expressivo: ao combinar o Imperfeito do Conjuntivo com o valor comparativo preferencial de *antes*, o locutor constrói um mundo possível alternativo (o seu mundo volicional) em que se verifica uma situação por ele avaliada como melhor face à que efectivamente existe no mundo real. Este tipo de construção funciona como estratégia discursiva: o locutor convida o interlocutor a inferir que a

situação que efectivamente se verifica no mundo real nega essa situação alternativa preferencial, e fá-lo representando a situação preferencial através do Conjuntivo, modo prototípico da não facticidade.

Para além de induzir a inferência referida, o locutor expressa ainda, de forma indirecta, a sua avaliação negativa face à situação real.

Em suma, parece tratar-se ainda de um *antes* preferencial, que apenas se distingue do anterior pelo facto de se desenhar uma comparação (implícita) entre uma situação contrafactual e uma situação factual.

4.2. *Antes reformulador rectificativo*

(26) «(...) toda a gente toma calmantes! eu devo dizer que não tomo! *ou antes*, tomo raríssimas vezes» (PF 1028, p. 259).

(27) «A imaginação dele não, *ou antes* a inteligência imaginativa dele já não vai tão longe, percebes» [Ref.: 352-10-A00-008-28-M-A-3-8-00].

Contrariamente à nossa expectativa, são pouco significativas as ocorrências de *ou antes* no *corpus*: 3 ocorrências, num total de 222, ou seja, em termos percentuais, 1,35%.

Trata-se claramente de um valor que opera ao nível ilocutório: o locutor reformula o seu acto ilocutório inicial, rectificando-o. Julgo que poderíamos dizer que o locutor, ao rectificar o que disse, expressa a sua preferência pela formulação final; a nova asserção, prefaciada por *ou antes*, poderia igualmente ser introduzida pelas expressões *ou melhor*, *melhor dizendo*.

Assim se descortina um nexos ou uma afinidade semântica entre o valor assinalado em 3.1. e este último: o *antes* rectificativo, que resulta de uma avaliação feita pelo locutor sobre o seu próprio discurso, tem uma dimensão metadiscursiva que obviamente não se encontra no *antes* que expressa uma comparação avaliativa entre situações. No entanto, importa sublinhar que

ambos expressam uma preferência: preferência por uma situação, no primeiro caso; por uma formulação, no segundo.

Note-se que aqui se considera a expressão *ou antes*, e não o item isolado *antes*. A conexão rectificativa dá origem a um texto que não é de natureza frásica. Se o produto final resultante da conexão discursiva construída por *ou antes* fosse uma estrutura frásica, obtida por coordenação ou subordinação, poderia ocorrer como complemento encaixado de um verbo ou de um advérbio de frase, o que não se verifica. Vejam-se os exemplos seguintes:

(28) *O Pedro disse [que [ele não toma calmantes, *ou antes*, toma raríssimas vezes]].

(29) *Possivelmente [ele não toma calmantes, *ou antes*, toma raríssimas vezes].

O valor semântico da conjunção *ou* não pode ser escamoteado na descrição desta conexão discursiva. Com efeito, trata-se de um *ou* exclusivo, que permite ao locutor excluir a primeira formulação, substituindo-a pela formulação alternativa avaliada como preferível graças à presença do operador *antes*.

Confrontando o valor preferencial com este valor reformulativo, parece possível descortinar a **tendência semântico-pragmática II** assinalada por Traugott e König.

Com efeito, da ordenação preferencial de situações (significado baseado na situação interna/avaliativa) passamos para a ordenação preferencial de formulações (significado baseado na situação textual e metalinguística).

4.3. *Antes refutativo*

O terceiro valor mais significativo do *corpus*, em termos de número de ocorrências, é um valor predominantemente interpessoal, de natureza ilocutória. Estou a referir-me ao valor refu-

tativo da expressão *antes pelo contrário*, com 9 ocorrências no *corpus* (4%, em termos percentuais). Veja-se o exemplo:

(30) «Acabámos por optar pela sociedade anónima, mas não se constituiu ainda e isso, quer dizer, não constitui nenhuma alteração na linha do jornal. *Antes pelo contrário* nós pensamos que é uma forma de mantê-la» [Ref.: 354-08-U00-001-24-M-A-2-6-C].

No exemplo, *antes pelo contrário* comuta livremente com *ao invés*. *Antes* reforça o valor do conector *pelo contrário*, através do qual o falante assinala que vai asserir uma proposição que contrasta com/contradiz uma proposição anterior. Assinale-se que este conector discursivo (*pelo contrário/antes pelo contrário*) sofre fortes restrições de ocorrência. Com efeito, só ocorre depois de uma negação polémica(1), ou seja, depois de uma asserção negativa que funciona já como um acto de refutação de uma asserção anterior, expressa ou virtual.

Veja-se a impossibilidade de (31):

(31) *O João é trabalhador, antes pelo contrário, é um mandrião.

Antes pelo contrário configura, assim, um processo de qualificação/reforço do acto ilocutório de refutação.

Parece plausível ligar este valor ao valor rectificativo anteriormente analisado. Com efeito, ao corrigir a sua primeira asserção, o locutor substitui-a por uma formulação alternativa, manifestando a sua preferência por esta última; ao refutar uma asserção anterior, o locutor contrapõe uma nova asserção, rejeitando liminarmente o valor de verdade da primeira.

(1) Assumimos a noção de negação polémica de Ducrot, equivalente à negação metalinguística de Horn — cf. OSWALD DUCROT, *La preuve et le dire*, Paris (Mame), 1973; e L. HORN, *Metalinguistic Negation and Pragmatic Ambiguity*. In: *Language*, nº 61, 1985, p. 121-174. Ao contrário da negação descritiva, em que se nega um conteúdo proposicional (Asserção (~ p)), uma negação polémica opera ao nível ilocutório (N (p)).

4.4. Antes marcador de estruturação textual/discursiva

Vejam-se os seguintes enunciados:

(32) *Antes de mais/antes de mais nada*, quero dizer que gostei da tua intervenção.

(33) «A simples actividade profissional seduz-me, como advogado, seduz-me. É uma profissão liberal em primeiro lugar, *antes de mais nada*» [420-15-D00-011-26-M-J-5-3-F].

(34) «*antes de mais nada* quero dizer que, he obviamente, hmm, não se trata de uma posição pessoal» [OP14C3F0029XPP03A990PXXXXX].

No *corpus*, encontramos oito ocorrências deste marcador de estruturação discursiva (3,6%), que pode assumir configurações ligeiramente distintas: *antes de mais*, *antes de tudo o mais*, *antes de mais nada*. São claramente variantes isofuncionais.

Trata-se ainda de um valor de natureza temporal, mas há uma função discursiva claramente associada a esse valor. Com efeito, *antes de mais* é parafraseável por *em primeiro lugar*. Note-se que, no exemplo (33), as duas expressões co-ocorrem, de forma plenamente redundante. O locutor estrutura/ordena a sua intervenção discursiva, assinalando a existência de partes sequencialmente dispostas, cuja formulação obedece a uma ordem. Assim, o locutor realiza um acto de planificação textual através da transposição do valor de anterioridade relativamente a um ponto de referência situado no mundo externo (o mundo das situações linguisticamente representadas) para um valor de anterioridade exclusivamente discursivo.

A ordenação temporal relativa entre situações expressa pelo adjunto temporal *antes* é agora transposta para uma ordenação de unidades discursivas sequenciais. Ou seja, verifica-se uma projecção metaforizada da ordem temporal do primitivo domínio do significado de índole referencial para o domínio da linearidade discursiva/textual.

O funcionamento discursivo de *antes de mais* confirma a análise proposta por Hanna Batoréo(1), segundo a qual o portu-

(1) Cf. HANNA J. BATORÉO, *ob.cit.*

guês europeu conceptualiza o texto como produção e não como produto, como acto dinâmico que se “desloca” na direcção do futuro.

Em (34), o locutor ordena os seus argumentos, apresentando em primeiro lugar aquele que lhe parece mais relevante para a conclusão que se propõe defender.

Assim, para além de uma mera ordenação textual, parece haver igualmente, em (34), um escalonamento em termos de relevância informacional. Também neste caso parece haver uma derivação de um significado ancorado na situação externa para um significado baseado na situação textual (**tendência II**).

5. Síntese

Em síntese, esta descrição sincrónica dos valores de *antes* parece apontar para as seguintes conclusões: no plano temporal, *antes* expressa uma relação de precedência, quer no plano cronológico das situações linguisticamente representadas, quer no plano da estruturação discursiva propriamente dita.

Assim, *antes* estrutura de forma analógica dois domínios de significação: o domínio do significado proposicional que envolve a representação do mundo externo e o domínio do significado de natureza discursiva/textual. Há claramente um nexos conceptual entre os dois valores assinalados, já que em ambos os casos se expressa uma precedência: no eixo do tempo estruturador do universo de referência, num caso, na linearidade do próprio discurso, no outro. Estes valores atestados em sincronia parecem, pois, ilustrar a **tendência II** de Traugott e König referida no início deste trabalho.

Por outro lado, o significado primitivo de ordenação temporal “desliza”, em certos contextos, para um significado preferencial, onde a ordenação opera numa escala avaliativa.

A primitiva precedência temporal (topologia no eixo do tempo) é projectada metaforicamente num domínio axiológico, dando origem à expressão de uma prioridade ancorada na

avaliação do falante (topologia numa escala axiológica). Assim, o significado avaliativo sobrepõe-se ao significado baseado na situação externa, o que implica um processo de subjectivização, contemplado na **tendência I** de Traugott e König.

Curiosamente, este significado preferencial parece estar na origem de uma outra derivação, que ilustra de novo, recursivamente, a **tendência II**: assim, a expressão da preferência por uma situação cede o lugar à expressão da preferência por uma formulação, no caso do *ou antes* reformulador. O *ou antes* rectificativo assume, por conseguinte, uma natureza meta-textual.

* * *

6. Depois: considerações preliminares

No mesmo *corpus* em que se registavam 222 ocorrências de *antes*, encontram-se 3869 ocorrências de *depois*.

Como veremos, *depois* expressa valores integrados em diferentes tipos de escalas ou eixos. No discurso oral, é usado correntemente não só na localização de situações externas, como também na expressão de avaliações internas realizadas pelo locutor e ainda na marcação da estrutura textual/discursiva. O étimo latino de *depois*, provavelmente a locução *de poste*(1), realizava valores de tipo temporal, espacial e argumentativo,

(1) Na descrição da etimologia de *depois*, Said Ali escreveu: «Da partícula latina *post* procede a forma portuguesa *pois*, usada a princípio como advérbio e logo como conjunção. Ao advérbio simples não tardou a preferir-se a forma reforçada *depois* e também *despois*». — Cf. SAID ALI, *ob. cit.*, p. 188. José Pedro Machado, na senda de Leite de Vasconcelos, privilegia a hipótese de o étimo se encontrar antes na locução latina *de poste*, visto que esta forma justifica a presença do *-i-* em *depois* — Cf. JOSÉ PEDRO MACHADO, *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*, 4.^a ed., Lisboa (Livros Horizonte), 1987, p. 304-305. No dicionário etimológico de Corominas e Pascual, diz-se que «DEPOST ya se encuentra en el latín africano (...), y de ahí proceden port. *depois*, oc. *depueis*, fr. *depuis* (...)» — Cf. J. COROMINAS e J. A. PASCUAL, *ob. cit.*, vol. IV, Madrid (Gredos), 1989, p. 684.

conforme atestam os exemplos apresentados nas entradas *post*, *poste* e *postea* em dicionários de Latim-Português(1).

A identificação do tipo de significado associado a *depois* nas ocorrências do *corpus* em análise nem sempre é evidente ou clara. As dificuldades surgem sobretudo em casos em que se nota uma interrupção do discurso, quer devido a intervenção do interlocutor, quer devido a uma nova orientação discursiva por parte do locutor. Em grande número de ocorrências, há ambiguidade decorrente (i) da possibilidade de se articular a sequência introduzida por *depois* a diferentes micro-sequências discursivas ou (ii) de serem igualmente admissíveis diferentes nexos entre as micro-sequências articuladas por este conector.

Noutros casos ainda, a classificação do item em apreço foi dificultada devido ao facto de o co(n)texto não ser suficientemente esclarecedor e, em alguns casos, se ter revelado demasiado reduzido(2).

Neste estudo descritivo dos valores de *depois*, tomaremos em consideração apenas as ocorrências em que a classificação parece inequívoca e unívoca. Assim, das 3869 ocorrências que constituem o nosso *corpus* inicial, serão aqui objecto de atenção (preferencial) apenas 2917; quanto às restantes ocorrências, de valor mais difícil de determinar ou semanticamente ambíguas, serão objecto de considerações pontuais, que pareçam pertinentes.

No *corpus* de onde foram extraídas as ocorrências de *depois* aqui em análise, ocorre também a forma popular *despois*, registando um total de 23 exemplos de uso. Em alguns desses enunciados, co-ocorrem as duas formas.

(1) Vide FRANCISCO TORRINHA, *Dicionário latino-português*, 4.^a ed., Porto (Gráficos Reunidos), s.d.; e A. G. FERREIRA, *Dicionário de Latim-Português*, Porto (Porto Editora), 1987.

(2) O cotexto considerado para a análise das ocorrências é, quase sempre, de quatro linhas antes e quatro linhas depois do *item* em estudo, tendo cada linha cerca de 70 caracteres.

Começaremos este estudo pela descrição de valores relacionados com a ordenação espacial; passar-se-á, seguidamente, a descrever valores de ordenação temporal e, por fim, dar-se-á conta de usos de *depois* nos planos interpessoal e textual.

7. Valores de ordenação espacial

7.1. Valor espacial de *depois*

Vejamos os seguintes exemplos:

(35) A minha casa fica depois do supermercado.

(36) «(...) tá muito giro! Tem umas cadeiras, umas mesas de ferro, pintadas de branco, umas cadeiras... Pois ao ar livre. E depois tem assim uma vedação, não é, mas é envidraçada; separa o motel, o restaurante, digamos, do mar. Depois tem um paredão, depois é a praia» [Ref.: 1365-02-A00-013-24-F-C-3-8-B].

(37) «Mas ali ao pé de Odivelas ainda é outra terra qualquer, é Odivelas, depois Paiã depois a Pontinha» [Ref.: 429-10-A00-023-17-M-D-1-8-A].

Nestes enunciados, *depois* é interpretado como um localizador de tipo espacial — excepto no caso da primeira ocorrência em (36) —, parafraseável por *a seguir* ou *(mais) à frente*. No nosso *corpus*, surgem 32 ocorrências de *depois* com este significado de localização no espaço(1), o que corresponde, em termos percentuais, a 1,09% das 2917 ocorrências.

Nas frases em que ocorre *depois*, exprime-se a localização relativa de um determinado espaço (ou entidade que ocupa um determinado espaço) recorrendo-se a um outro espaço (ou entidade). Este adverbial espacial funciona, assim, como um predicador de dois lugares, que permitem a sua saturação semântica: um dos argumentos especifica um ponto de referência e um outro designa o espaço/entidade que é objecto dessa localiza-

(1) Comparando este número com o das ocorrências de *depois* com valor temporal (que descreveremos mais à frente), notar-se-á que é bastante reduzido.

ção. Trata-se, portanto, de um localizador dependente, não autónomo.

A localização no espaço instaurada por *depois* pressupõe a existência de uma multiplicidade de diferentes espaços organizáveis segundo uma perspectiva que lhes confira uma relação sequencial ou de sucessividade, definindo um pólo inicial e um pólo final entre os quais se estabelece um determinado trajecto. Os espaços organizados por *depois* situam-se entre esses pólos.

A configuração do trajecto resulta, pois, da ordenação dos espaços considerados; essa organização decorre, geralmente, da consideração de um movimento potencial do pólo inicial em direcção ao pólo final(1). Os mesmos espaços são, por conseguinte, organizáveis segundo perspectivas diferentes. Compararemos, por exemplo, a seguinte frase

(38) O supermercado fica depois da minha casa.

com a (35):

(35) A minha casa fica depois do supermercado.

Note-se que não há necessariamente contradição entre as proposições expressas em (35) e (38): estas frases podem corresponder a diferentes perspectivas de ordenação dos mesmos espaços, invertendo os percursos entre os dois pólos que servem de base à localização aqui realizada.

Normalmente, a linha do olhar do locutor pode realizar esta função de organização de espaços. Neste caso, a localização toma como pólo inicial o próprio locutor e como pólo final um espaço dentro do seu campo de visão, de maneira que a organização da referência espacial é de tipo deíctico. Deste modo, a localização no espaço de duas entidades recorrendo ao item *depois* — servindo uma de ponto de referência para a localização da outra — depende da posição física do locutor em relação a essas entidades.

(1) Vide C. VANDELOISE, *ob. cit.*, p. 161.

Por exemplo, imaginemos uma montra com dois objectos colocados um à frente (= antes) / atrás (= depois) do outro: a relação espacial entre esses objectos varia consoante o locutor os observe de dentro da loja ou do lado de fora da mesma. De certo modo, poder-se-á afirmar que também no caso da perspectiva criada pela linha do olhar estamos perante um movimento potencial – desta feita, um movimento do locutor em direcção a um espaço situado no seu campo visual.

Na representação linguística da ordenação espacial dos dois espaços referenciados, registam-se no *corpus* duas formas de organização: em casos como (36) e (37)

(36) «(...) tá muito giro! Tem umas cadeiras, umas mesas de ferro, pintadas de branco, umas cadeiras... Pois ao ar livre. E depois tem assim uma vedação, não é, mas é envidraçada; separa o motel, o restaurante, digamos, do mar. Depois tem um paredão, depois é a praia».

(37) «Mas ali ao pé de Odivelas ainda é outra terra qualquer, é Odivelas, depois Paiã depois a Pontinha».

a organização discursiva linear desses espaços reproduz iconicamente o trajecto perspectivado pelo locutor; em exemplos idênticos a (35), em contrapartida, não se verifica esta isomorfia.

Estes dois modelos encontram-se correlacionados com o modo de realização lexical do argumento que especifica o ponto de referência da localização: enquanto em (36) e (37) ele é realizado por uma categoria vazia, a qual corresponde a um pronominal nulo que retoma anaforicamente um antecedente expresso no cotexto, em (35), é realizado por uma expressão referencial nominal introduzida pela locução *depois de*.

A localização espacial instaurada por *depois* é, em alguns dos exemplos do nosso *corpus*, completada por outras expressões referenciais também com valor espacial. É o caso da segunda ocorrência no seguinte texto:

(39) «Silvino na baliza, depois um quinteto defensivo – chamemos-lhe assim – com João Pinto a lateral direito

Fonseca a lateral esquerdo, Veloso... irá jogar a central com a m (...) função de livre, e dois centrais de marcação, são eles Jorge Ferreira e Venâncio, depois a meio-campo, Paneira, André, Jaime Pacheco para diante» [Ref. OP27N7N0053XPP11S990PXXXXX].

A expressão de localização espacial *a meio campo* torna mais precisa a localização espacial intrinsecamente vaga instaurada inicialmente por *depois*. Colaboram ainda na circunscrição espacial instaurada por *depois* expressões de tipo adverbial que quantificam a distância entre as duas entidades localizadas, como os itens *logo* ou *pouco* e *muito* nos seguintes exemplos – criados por adaptação de (35):

(35a) A minha casa fica *logo* / *pouco* depois do supermercado.

(35b) A minha casa fica *muito* depois do supermercado.

Em síntese, importa destacar que o localizador *depois* marca uma relação de ordem entre entidades físicas situadas num eixo espacial. A orientação neste eixo, essencial para a ordenação relativa das entidades, baseia-se na selecção de uma determinada perspectiva, a qual define um pólo inicial e um pólo final e desencadeia um movimento potencial.

7.2. Depois em séries de ordem fixa

No *corpus* em análise, *depois* é também usado para marcar a ordenação de entidades que pertencem a séries de ordem fixa(1) – ou seja, conjuntos cujos pólos inicial e final, bem como a ordenação relativa dos espaços intermédios, se encontram definidos de forma inalterável.

(1) Seguimos a acepção de *série* ou *conjunto ordenado serialmente* de Lyons — veja-se J. LYONS, *Semântica*, Lisboa (Presença), 1980, p. 232-235. Mais especificamente, referimo-nos ao que o autor designa *hierarquia* — i.e., um subtipo de séries que ostenta o princípio de ordenação serial de uma forma mais estrita.

Vejamos os seguintes usos de *depois*:

(40) Nesse campeonato, o Sporting ficou depois do Benfica.

(41) Primeiro é o A, depois o B e depois o C.

(42) «(...) porque ele é Sousa, quer dizer, é António Luís Linhares e depois o último nome é que é Sousa» [Ref.: 1186-03-C00-001-17-F-J-4-7-0].

Em (40), a ordenação relativa das entidades reflecte a posição que elas ocupam numa hierarquia constituída com base na observância de determinados critérios convencionalmente definidos. As séries deste tipo ordenam os resultados obtidos, por exemplo, em provas (escolares, desportivas, etc.) e concursos. Estas séries encontram-se orientadas do mais positivo ou mais bem classificado (pólo inicial) para o menos positivo ou com pior classificação (pólo final).

Em (41), o único exemplo deste tipo de valor de *depois* que encontramos no *corpus*, o conjunto serial corresponde ao abecedário, organizado de A a Z – os pólos inicial e final, respectivamente. Esta hierarquia é invariável por convenção. Como exemplo deste tipo de séries podemos ainda acrescentar o conjunto das notas da escala musical e os numerais – por exemplo, os números inteiros positivos situam-se numa série orientada do 1 (um) para o infinito:

(43) O 7 é depois do 5.

Entre os pólos das hierarquias do tipo de (40) e (41), é possível encontrar diferentes espaços ordenados entre si e localizáveis uns em relação aos outros recorrendo ao uso do item *depois*.

Quanto ao enunciado (42), a sequência que forma o nome próprio do sujeito funciona como uma série invariável, quer quanto aos espaços que a constituem, quer quanto à ordenação destes. Nesta série, também de natureza convencional, há uma orientação do início da sequência para o seu termo; é esta orientação que permite definir a localização de uma das suas partes constituintes como posterior – ou seja, mais próxima do pólo

final – em relação a uma outra. No *corpus* em análise, aparece mais um exemplo deste tipo:

(44) «então agora só vou pôr abreviaturas, que letra é que eu poria aqui neste primeiro? A12: ée A: áa áa x: e depois? A13: áa pê ée ée ée A14: áa pê he (...)» [Ref.: OP44B1A0007XPP18J989PXXXXX].

Neste caso, também se exprime a localização relativa de unidades linguísticas sendo a sua ordenação definida por um movimento potencial orientado do início da unidade textual em que aquelas se integram para o final da mesma.

Esta forma de concepção da ordenação das unidades linguísticas que constituem uma unidade maior manifesta-se de igual modo em estruturas mais extensas: por exemplo, a localização de períodos, parágrafos e outras sequências da linearidade textual/discursiva. É a linearidade da escrita que permite situar espacialmente as diferentes unidades; por outras palavras, o percurso é o próprio caminho ou movimento da escrita, da disposição linear de unidades discretas, delimitadas por um pólo inicial e um pólo final fixos, correspondentes, respectivamente, ao início e fim do texto(1).

Nas séries de ordem fixa, é frequente a localização instaurada por *depois* ser especificada, ainda que de forma nem sempre totalmente precisa, por outras expressões, como nos seguintes exemplos:

(45) Nesse campeonato, o Salgueiros ficou muito depois do Benfica.

(46) O V é pouco depois do T.

(1) Hanna Batoréo mostra que no português europeu a construção da referência espacial das unidades de um texto decalca a organização temporal das mesmas no momento da produção do texto: «As letras, palavras, frases ou unidades maiores do texto relacionam-se entre si, surgindo *antes* ou *depois* umas das outras, em função de uma ordem temporal. Assim, definir que um elemento A está *antes* do elemento B (que, por conseguinte, está *depois* do A) significa que, do ponto de vista temporal, o A surgiu primeiro do que o B e esta ordem temporal foi projectada e metaforizada para a linearidade do texto» — Cf. HANNA BATORÉO, *ob. cit.*, p. 61.

(47) No nome dele, Sousa é imediatamente/logo depois de Linhares.

Nestes enunciados, as expressões *muito, pouco, imediatamente* ou *logo* contribuem para uma localização mais precisa, pois tornam menos vago o espaço na série que medeia entre as duas unidades referidas.

Por último, é ainda pertinente notar que, também nas séries de ordem fixa, a relação marcada por *depois* admite a estrutura conversa com *antes*, como se ilustra na seguinte paráfrase de (45):

(45') Nesse campeonato, o Benfica ficou muito antes do Salgueiros.

8. Valores de ordenação temporal

8.1. Valor temporal de *depois*

Para a descrição dos valores temporais de *depois*, tomemos como ponto de partida os seguintes exemplos:

(48) – Já vais arrumar os teus CDs?
– Não, fica para depois.

(49) Agora tratamos de preencher estes impressos. Depois compraremos os outros na papelaria.

(50) A Patrícia chega às 9h e o João chegará depois.

(51) «Eu também nunca mais o chateei, depois desse contrato nunca mais o chateei» [Ref.: 509-08-A00-005-33-M-A-6-8-AF].

(52) «(...) antes o pai levantava problemas com as idas para casa depois da meia-noite, isso, e que nós íamos para casa sozinhas» [Ref.: 1259-04-B00-045-19-F-J-5-6-A].

(53) «(...) ficou junto do Comandante e só irá novamente para a companhia depois de voltar daqui, não é» [Ref.: 630-01-C00-007-50-M-D-4-7-00].

(54) «Gostava muito do Porto, mas depois que vim para Lisboa comecei a gostar mais de Lisboa» [Ref.: 418-07-A02-008-34-F-L-1-2-A].

(55) «Ah pois dá, aquilo dá muito trabalho. Tá a ver: é da erva fazer o fio. Semeado, depois vai para a, para demolhar, não é, e depois é que é espadelado e depois é que é fiado e depois é que é tecido; dá muito trabalho» [Ref.: 429-10-A00-023-17-M-D-1-8-A].

Tal como o *antes* temporal, também *depois* é um adverbial de localização e pressupõe uma divisão do eixo do tempo em duas secções, a partir de um ponto de referência. *Depois* localiza estados de coisas ou situações num intervalo de tempo(1) de fronteiras indefinidas posterior a esse ponto de referência, o qual poderá situar-se na esfera do passado, do presente ou na do futuro.

As semelhanças com o advérbio temporal *antes* verificam-se ainda ao nível da enaridade – também *depois* funciona como um predicador de dois lugares – e da relação semântica: como foi já referido, os localizadores *depois* e *antes* mantêm uma relação conversa de sequência/precedência no eixo do tempo, respectivamente, visto que a relação *depois* (*a, b*) é parafraseável por *antes* (*b, a*).

À semelhança de *antes*, o localizador temporal *depois* promove uma localização temporal dependente e é semanticamente vago. Por um lado, a localização temporal que *depois* promove não é autónoma: pelo contrário, o intervalo de tempo identificado só poderá ser calculado a partir de um intervalo de tempo de referência, o qual poderá também apresentar contornos imprecisos. Por outro lado, à semelhança do que verificámos a propósito de *antes*, *depois* não comporta nenhuma informação sobre a amplitude do intervalo de tempo que medeia

(1) Os estados de coisas ou situações ocupam necessariamente um intervalo de tempo, de amplitude variável. Assim, usaremos no nosso discurso, por facilidades de expressão, a designação “intervalo de tempo” referindo-nos, metonimicamente, à situação descrita. Aplicamos esta expressão também a casos em que o estado de coisas é designado por uma expressão nominal — por exemplo, entendemos que «depois desse contrato» (que ocorre em (51)) é uma expressão elíptica parafraseável por *depois de ter feito esse contrato*.

entre o ponto de referência e o intervalo identificado pela relação de ordem de posterioridade.

Como foi referido atrás, as ocorrências de *depois* com valor de tipo temporal são predominantes no *corpus*. Registámos 1937, o que representa, em termos percentuais, 66,4% das 2917 ocorrências do item aqui consideradas.

8.1.1. Ponto de referência

Depois é um localizador temporal dependente. De facto, na sua função predicativa selecciona semanticamente um complemento que exprime um intervalo de tempo que serve de ponto de referência para a localização temporal da situação expressa na frase. Em (48) e (49),

(48) – Já vais arrumar os teus CDs?

– Não, fica para depois.

(49) *Agora* tratamos de preencher estes impressos. Depois compraremos os outros na papelaria.

o ponto de referência encontra-se indexado ao intervalo de tempo da enunciação, enquanto nos restantes exemplos é construído discursivamente por uma expressão referencial.

Nos dois primeiros exemplos, o ponto de referência é, pois, o Presente da enunciação. Assim, *depois* funciona deicticamente, marcando uma relação temporal de posterioridade relativamente ao intervalo de tempo em que se inscreve o momento da enunciação. Mais concretamente, o valor temporal de *depois* estabelece-se por oposição às expressões deícticas *já* – em (48) – e *agora* – em (49). Parafraseável por *logo*, *mais tarde* ou *posteriormente*, *depois* identifica um intervalo de fronteiras indefinidas que segue esse ponto de referência, no eixo linear temporal.

Noutros casos, *depois* selecciona como ponto de referência uma situação expressa no cotexto, a qual é frequentemente

retomada por processos anafóricos – como em alguns dos exemplos apresentados em que o estabelecimento do ponto de referência envolve o reconhecimento de uma cadeia de referência. Os exemplos (50) e (55)

(50) A Patrícia chega às 9h e o João chegará depois.

(55) «Ah pois dá, aquilo dá muito trabalho. Tá a ver: é da erva fazer o fio. Semeado, depois vai para a, para demolhar, não é, e depois é que é espadelado e depois é que é fiado e depois é que é tecido; dá muito trabalho».

ilustram casos de *depois* que envolvem a co-indexação de pronomes nulos, realizados por categorias vazias, a um antecedente cotextualmente recuperável.

Embora menos frequente, há também ocorrências em que o intervalo de tempo que serve de ponto de referência é retomado por um pronome anafórico, o demonstrativo *isso*, como no seguinte enunciado:

(56) «(...) portanto as, todas as cartas metidas na estação até às dezanove e dez inda apanham a tiragem. Depois disso... Depois disso já não apanham a tiragem» [Ref.: 188-01-L00-008-49-M-G-1-4-BF].

O intervalo de tempo que serve de ponto de referência à ordenação introduzida por *depois*, no que concerne às predicções episódicas, pode situar-se não só na esfera do Presente – como em (48) e (49) –, mas também na esfera do Passado

(51) «Eu também nunca mais o chateeí, depois desse contrato nunca mais o chateeí».

(52) «(...) antes o pai levantava problemas com as idas para casa depois da meia-noite, isso, e que nós íamos para casa sozinhas».

(54) «Gostava muito do Porto, mas depois que vim para Lisboa comecei a gostar mais de Lisboa».

ou na do futuro:

(53) «(...) ficou junto do Comandante e só irá novamente para a companhia depois de voltar daqui, não é».

Nas predicções genéricas e habituais em que se expressa uma correlação entre situações – sendo que uma delas é sempre posterior à outra –, não é relevante a ancoragem do ponto de referência, dada a atemporalidade deste tipo de predicções.

No *corpus* em análise, são largamente prevaletentes as ocorrências de *depois* como localizador dependente de uma referência temporal expressa no contexto discursivo. De facto, detectámos apenas 18 ocorrências em que o item apresenta um valor deíctico do tipo do ilustrado em (48) e (49). Em nosso entender, esta baixa frequência de usos de *depois* com um valor temporal calculado a partir do intervalo de tempo da enunciação poderá dever-se ao facto de o *corpus* ser constituído principalmente por textos predominantemente narrativos.

A relação de sequência temporal expressa por *depois* não é necessariamente de contiguidade ou adjacência. Vejam-se, por exemplo, as seguintes expansões de (49) e (50):

(49') Agora tratamos de preencher estes impressos. Depois compraremos os outros na papelaria. Mas antes disso temos de passar pelas Finanças para nos certificarmos do que nos falta.

(50') A Patrícia chega às 9h e o João chegará depois. Mas antes dele chegará a Ana.

Os enunciados (49') e (50') evidenciam claramente a possível não contiguidade entre os estados de coisas que funcionam como complementos de *depois*, quer como localizador deíctico, quer como localizador anafórico. Como os intervalos de tempo que saturam semanticamente o *depois* temporal não são necessariamente adjacentes ou contíguos, poderemos concluir que a localização por ele instaurada tem, efectivamente, contornos vagos.

Estes contornos podem ganhar, todavia, uma definição mais nítida em consequência da combinação de *depois* com certas expressões linguísticas. Vejam-se as seguintes adaptações de (50):

(50a) A Patrícia chega às 9h e o João chegará *logo depois*.

(50b) A Patrícia chega às 9h e o João chegará *logo depois*.
??/ *Mas antes dele chegará a Ana.

A ocorrência de *logo*, combinada com *depois*, activa uma interpretação de contiguidade entre os intervalos de tempo referidos – ou, no mínimo, uma interpretação de grande proximidade temporal entre esses intervalos.

Veamos ainda os seguintes enunciados:

(57) «(...) lembrem-se por exemplo, quando, ha no momento da chegada a Santarém ou *pouco depois* de estar em Santarém ele vai contar... ha a história, de... do nome de Santarém...» [Ref.: OP44B8A0010XPP15N989PXXXXX].

(58) «(...) amassava a farinha com água e azeite e deixava aquilo a faltar, depois quando aquilo estava feito, finto, desabria a massa e espalhava-a» [Ref.: 1059-04-J01-005-16-F-H-i-2-0].

Nestes enunciados, a ocorrência do adverbial *pouco* e da predicação «quando aquilo estava feito» parece corresponder a uma intenção de tornar mais precisa a localização temporal da situação expressa na predicação principal, atenuando, deste modo, o carácter vago do localizador *depois*.

8.1.2. Depois, depois de e depois que

No *corpus* em análise, registam-se três formas de ocorrência do localizador temporal em apreço: *depois* (a forma predominante, presente em 88,75% das ocorrências), *depois de* (em 10,68% das ocorrências) e *depois que* (registando apenas 11 ocorrências, ou seja, com uma percentagem de 0,57%). Estas expressões encontram-se numa relação complementar, e a sua distribuição articula-se com o modo de realização sintáctico-

-semântica do constituinte que refere o intervalo de tempo ou a situação que fornece o ponto de referência para a localização temporal.

Com base nos exemplos já transcritos, verifica-se que este constituinte pode corresponder a uma categoria sem realização lexical como em

(48) – Já vais arrumar os teus CDs?

–Não, fica para depois;

(49) Agora tratamos de preencher estes impressos. Depois compraremos os outros na papelaria;

(50) A Patrícia chega às 9h e o João chegará depois;

(55) «Ah pois dá, aquilo dá muito trabalho. Tá a ver: é da erva fazer o fio. Semeado, depois vai para a, para demolhar, não é, e depois é que é espadelado e depois é que é fiado e depois é que é tecido; dá muito trabalho»;

(58) «(...) amassava a farinha com água e azeite e deixava aquilo a faltar, depois quando aquilo estava feito, finto, desabria a massa e espalhava-a»;

um pronominal

(56) «(...) portanto as, todas as cartas metidas na estação até às dezanove e dez inda apanham a tiragem. Depois disso... Depois disso já não apanham a tiragem»;

ou uma expressão referencial - de natureza nominal

(51) «Eu também nunca mais o chateeí, depois desse contrato nunca mais o chateeí»;

(52) «(...) antes o pai levantava problemas com as idas para casa depois da meia-noite, isso, e que nós íamos para casa sozinhas»;

ou oracional:

(53) «(...) ficou junto do Comandante e só irá novamente para a companhia depois de voltar daqui, não é»;

(54) «Gostava muito do Porto, mas depois que vim para Lisboa comecei a gostar mais de Lisboa»;

(57) «(...) lembrem-se por exemplo, quando, ha no momento da chegada a Santarém ou *pouco* depois de estar em Santarém ele vai contar... ha a história, de... do nome de Santarém...».

O argumento que refere o intervalo de tempo de referência para a localização temporal instaurada por *depois* pode ser realizado lexicalmente ou não. Nos casos em que este termo é realizado sintacticamente por uma categoria vazia (recuperável co(n)textualmente, por via anafórica ou por via deíctica), ocorre a expressão simples *depois*, classificada pela gramática tradicional como advérbio de tempo.

Nos casos em que há realização lexical – quer se trate de um constituinte pronominal, nominal ou oracional –, encontramos as expressões *depois de* e *depois que* tradicionalmente classificadas como locução prepositiva e locução conjuncional temporal, respectivamente.

Vejamos mais em pormenor as locuções *depois de* e *depois que*. Recorde-se que, quer num caso quer noutro, o estado de coisas descrito pela expressão introduzida por estas locuções é interpretado como anterior ao que aparece descrito na oração principal. *Depois de* introduz expressões que designam um intervalo de tempo preciso no eixo cronológico

(52) «(...) antes o pai levantava problemas com as idas para casa depois da meia-noite, isso, e que nós íamos para casa sozinhas»;

(56) «(...) portanto as, todas as cartas metidas na estação até às dezanove e dez inda apanham a tiragem. Depois disso... Depois disso já não apanham a tiragem»;

ou descrevem uma determinada situação, como em

(51) «Eu também nunca mais o chateeí, depois desse contrato nunca mais o chateeí»;

(53) «(...) ficou junto do Comandante e só irá novamente para a companhia depois de voltar daqui, não é»;

(57) «(...) lembrem-se por exemplo, quando, ha no momento da chegada a Santarém ou *pouco depois* de estar em Santarém ele vai contar... ha a história, de... do nome de Santarém...»,

de modo que a fronteira final do intervalo de tempo que esta ocupa fornece o ponto de referência para a localização da situação expressa na oração não-temporal. Sintacticamente, estas expressões são realizadas por SN

(51) «Eu também nunca mais o chateei, *depois* desse contrato nunca mais o chateei»;

(52) «(...) antes o pai levantava problemas com as idas para casa *depois* da meia-noite, isso, e que nós íamos para casa sozinhas»;

(56) «(...) portanto as, todas as cartas metidas na estação até às dezanove e dez inda apanham a tiragem. *Depois* disso... *Depois* disso já não apanham a tiragem»;

ou F, infinitiva em

(53) «(...) ficou junto do Comandante e só irá novamente para a companhia *depois* de voltar daqui, não é»;

(57) «(...) lembrem-se por exemplo, quando, ha no momento da chegada a Santarém ou *pouco depois* de estar em Santarém ele vai contar... ha a história, de... do nome de Santarém...»;

e participial no exemplo que se segue:

(59) «(...) *depois* de tirada a prova, o papel é colocado, pode ser colocado entre duas folhas de mata-borrão para ficar, para secar lentamente» [Ref.: 924-04-B00-028-67-M-A-6-6-B].

Depois que, em contrapartida, introduz sempre uma oração finita, como ilustra o enunciado (55):

(55) «Ah pois dá, aquilo dá muito trabalho. Tá a ver: é da erva fazer o fio. Semeado, *depois* vai para a, para demolhar, não é, e *depois* é que é espadelado e *depois* é que é fiado e *depois* é que é tecido; dá muito trabalho».

É de notar que no *corpus* esta locução tem pouca representatividade, o que sugere o seu baixo grau de produtividade no português oral contemporâneo.

8.1.3. Organização linear dos intervalos de tempo

Como vimos, *depois* promove a localização de uma situação num intervalo de tempo posterior a um outro, tomado como ponto de referência. A organização destes dois intervalos de tempo na linearidade discursiva ora reflecte, isomorficamente, a ordem temporal das situações representadas, ora a subverte.

No *corpus*, as construções mais recorrentes na representação isomórfica da sequencialidade temporal são as seguintes (representaremos por A o intervalo de tempo subjacente à situação que funciona como ponto de referência e por B o intervalo de tempo ocupado pela situação localizada):

(i) *A, depois B* (estrutura ilustrada em (49) e (55), por exemplo)

(ii) *depois de/que A, B* (estrutura ilustrada em (54), por exemplo)

Na primeira estrutura, A é realizado por uma expressão referencial que é posteriormente retomada por um anafórico nulo.

É de notar que, nestas formas de representação isomórfica da ordem temporal, a função de *depois* se reveste, em alguns casos, de uma certa redundância. De facto, a supressão deste localizador temporal em algumas das frases seleccionadas não inviabiliza nem altera a interpretação do nexos sequencial temporal. Isto é sobretudo visível quando *depois* é usado reiteradamente em frases em que são representadas diversas situações em estruturas de tipo cumulativo, como em (55) e no seguinte enunciado:

(60) «(...) não é o que se fazia antigamente, que se enchiam os lagares de uvas, *depois* eram pisadas, *depois* deixavam estar (...)» [Ref.: 272-04-F00-009-48-M-C-3-4-C].

O nexos de sequência temporal é também bastante saliente em frases do tipo de (59), em que o referido complemento é realizado por uma oração participial; neste exemplo, a redundância de *depois* parece ainda mais evidente, visto que o Participípio Passado tem já a particularidade de estabelecer um valor temporal relacional de anterioridade.

Em suma, nestes exemplos, os valores temporo-aspectuais das expressões predicativas instauram uma ordenação temporal relativa isomórfica à que preside à efectiva ordenação dos estados de coisas no mundo.

Por outro lado, nota-se que é relativamente frequente uma forma de representação discursiva não-isomórfica com o seguinte modelo de organização sintáctica:

(iii) *B depois de/que A* (estrutura presente em (52) e (53), por exemplo)

Nestas estruturas, a ocorrência do localizador *depois* é essencial para a expressão da relação de posterioridade temporal. Não havendo organização discursiva isomórfica, torna-se indispensável a presença do conector. Parece-me pertinente acrescentar que a estrutura (iii) é, relativamente a (i) e (ii), a menos representada no *corpus*, registando apenas 88 ocorrências (ou seja, 4,54% das ocorrências); a estrutura (ii) ocorre 150 vezes (o que corresponde a 7,74% do número total) e, por último, a estrutura (i) é a mais corrente. Notámos ainda no nosso *corpus* que, nas frases com a estrutura do modelo (iii), nunca ocorre a copulativa *e* antes do localizador *depois* – o que é bastante frequente nos outros tipos de construções em que *depois* tem um valor temporal e nas ocorrências em que *depois* surge com outros tipos de significado.

No *corpus* surge ainda uma outra forma de organização discursiva das situações que parece combinar os dois tipos que acabámos de descrever. Trata-se da estrutura que organiza os enunciados (48) a (50)

(48) – Já vais arrumar os teus CDs?
– Não, fica para depois;

(49) Agora tratamos de preencher estes impressos. Depois compraremos os outros na papelaria;

(50) A Patrícia chega às 9h e o João chegará depois,

que podemos representar do seguinte modo:

(iv) *A, B depois*

Nestas frases, a sequencialidade dos intervalos de tempo representados reflecte-se na linearidade do discurso; é, no entanto, de notar que, como referimos atrás, em construções deste tipo, *depois* opera sobre uma expressão pronominal sem realização lexical que retoma anaforicamente a situação ou intervalo de tempo representados no contexto, formatando-o como ponto de referência para a localização temporal.

8.1.4. *Depois* em construções de focalização

A frase (55) ilustra um tipo de estrutura relativamente frequente no nosso *corpus* em que há uma focalização da ordenação temporal.

(55) «Ah pois dá, aquilo dá muito trabalho. Tá a ver: é da erva fazer o fio. Semeado, depois vai para a, para demolhar, não é, e depois é que é espadelado e depois é que é fiado e depois é que é tecido; dá muito trabalho».

A construção *depois (de A) é que B*, três vezes exemplificada nesta frase, tem a particularidade de activar uma interpretação contrastiva da ordenação temporal – mais precisamente, esta estrutura sintáctica reforça que B mantém com A uma relação temporal de posterioridade e não de qualquer outro tipo (anterioridade ou simultaneidade)(1). Esta interpretação é inten-

(1) A estrutura *depois (de A) é que B* parece-nos ter efeitos semântico-pragmáticos idênticos ao da construção de focalização *ser foco que X*, descrita por Ana Maria Brito e Inês Silva Duarte em MARIA HELENA MIRA MATEUS *et alii*, *Gramática da língua portuguesa*, 3.^a ed., Lisboa (Caminho), 1992, p. 135-136.

sificada, em muitas das frases do nosso *corpus*, pela ocorrência de *só*, que surge frequentemente à cabeça desta estrutura.

Retomando os modelos de estrutura discriminados na última secção, podemos concluir, pela análise das ocorrências no *corpus*, que esta forma de focalização da localização temporal se regista apenas em construções do tipo (i) e (ii).

Por fim, importa ainda assinalar que, no *corpus* analisado, a ocorrência de *depois* em estruturas de focalização se encontra apenas associada à expressão de um valor temporal.

8.1.5. Compatibilidades de *depois de* com diversas classes de *aktionsart*

De acordo com o que fizemos na primeira parte deste trabalho, vamos testar também o comportamento de *depois de* com diferentes classes de *aktionsart*, de modo a avaliar se a situação descrita no complemento do operador sofre algumas restrições a esse nível.

Vejam-se os seguintes exemplos:

(61) Depois de viver em Coimbra, fui viver para Lisboa.

(62) * Depois de ser alta, fui baixa.

(63) Depois de nadar, o João foi para a escola.

(64) Depois de escrever o romance, o João viajou pelo mundo.

(65) Depois de reconhecer o amigo, descobriu que estava em pânico.

Como se pode verificar confrontando (61) e (62), o conector temporal *depois de* pode coocorrer com descrições de estado, desde que se trate de estados temporários, ou seja, estados que admitem fronteiras (e conseqüente explicitação da sua duração interna). Nestes casos, *depois de* parece induzir uma leitura que envolve um evento de mudança de estado, responsável pela delimitação de uma fronteira, o que explica a possibilidade da paráfrase:

(61') Quando deixei de viver em Coimbra, fui viver para Lisboa.

Assim, é no estado conseqüente que se segue à culminação do evento de mudança de estado que se localiza a situação descrita na oração principal.

Já em (62), constata-se a total incompatibilidade de *depois de* com descrições de estados permanentes. Com efeito, a expressão predicativa «ser alta» descreve um estado que não é conceptualizável como episódico ou temporário, uma vez que corresponde à atribuição de uma propriedade estável a um indivíduo. Por conseqüente, o valor de posterioridade inerente a *depois* colide com o valor tempo-aspectual de uma situação que não admite fronteira à direita.

No exemplo (63), a expressão predicativa que integra a oração infinitiva introduzida por *depois de* pertence à classe das *activities*. Também neste caso se pode falar da activação de uma interpretação que afecta uma culminação ao processo, o que novamente implica a localização do evento descrito na oração principal no intervalo correspondente a um estado subsequente.

Em (64), *depois de* coocorre com uma expressão predicativa que pertence aos *accomplishments*. O evento descrito na oração principal é posterior ao evento descrito na oração infinitiva, cuja culminação se pressupõe. Assim, é no estado subsequente à culminação que se localiza o evento relevante. Daí a aceitabilidade da paráfrase:

(64') Quando acabou de escrever o romance, o João viajou pelo mundo.

Finalmente, em (65), *depois de* coocorre com uma descrição de *achievement*, promovendo de igual modo uma localização do evento representado na oração principal num intervalo de tempo que, sendo posterior à culminação do *achievement*, corresponde ao estado resultante dessa culminação.

Em síntese, *depois de* é compatível com todas as classes da *aktionsart* excepto descrições de estados permanentes, isto é, estados que não admitem delimitações temporais. *Depois de* implica convencionalmente uma fronteira final, afectando uma culminação a todos os tipos de situações com que coocorre.

8.2. Da sequencialidade temporal à expressão de uma relação causal?

Nos usos descritos em 8., *depois* tem a função de localizar uma determinada situação num eixo temporal, ordenando-a em relação a um ponto de referência, segundo uma relação de posterioridade. Noutros enunciados do nosso *corpus*, embora este item articule intervalos de tempo ordenados sequencialmente, o seu valor não parece ser exclusivamente de marcação dessa ordem temporal. Consideremos os seguintes enunciados:

(66) «Esses [turcos] lavaram-se cá em casa. Lavá-los lá eram muito caros. Lá é muito caros, é isto e depois punham lixívia e tudo, depois estragava tudo»(1) [Ref.: 390-10-A00-014-44-F-L-0-8-D].

(67) «a gente tem de ceder sempre porque é o nosso papel. E se não se cede, depois dá mau resultado» [Ref.: 1152-11-D06-005-63-F-L-5-2-C].

(68) Não estudas, depois queixas-te.

A segunda ocorrência de *depois* em (66) e as de (67) e (68) prefaciam uma proposição que parece exprimir uma consequência de uma situação expressa na proposição anterior.

Em (66), o estado de coisas expresso na primeira oração é entendido como condição suficiente (causa) para a ocorrência do estado de coisas da oração introduzida por *depois*. Esta relação causa-consequência situa-se ao nível do significado referencial, ou seja, no plano proposicional da representação do mundo.

Em (67) e (68), o locutor expressa um raciocínio de tipo inferencial: o conhecimento da verdade da premissa é condição suficiente para se extrair uma dada conclusão. A relação inferencial estabelece-se no plano epistémico.

Importa agora reflectir sobre o papel do item *depois* nestas construções: funcionará ele como marcador dos valores consecutivo e conclusivo assinalados? Se acrescentarmos aos enun-

(1) A primeira ocorrência de *depois* neste enunciado será analisada mais à frente, neste trabalho. Neste momento, a nossa atenção centra-se na segunda ocorrência.

ciados em apreço expressões que reconhecidamente carregam estes valores, como acontece em (66') a (68'), notaremos que a sua ocorrência é perfeitamente possível e não parece causar qualquer efeito de redundância. Vejam-se os exemplos:

(66') (...) punham lixívia e tudo; depois, *por causa disso*, estragava tudo.

(67') E se não se cede, *então*, depois dá mau resultado.

(68') Não estudas; *por conseguinte*, depois queixas-te.

Assim, conclui-se que *depois* não comuta livremente com *por causa de* (isso), *então* ou *por conseguinte*.

Parece-nos legítimo concluir que o nexos consecutivo ou conclusivo que a nossa interpretação afectou aos exemplos (66) a (68) decorre da activação do conhecimento do mundo e de princípios pragmáticos. Em enunciados articulados por *depois*, a dedução dos valores consecutivo ou conclusivo parece corresponder a uma implicatura conversacional, ou seja, a uma inferência baseada num princípio de informatividade formulável nos seguintes termos:

«Read as much into an utterance as is consistent with what you know about the world»(1).

Assim, não deveremos considerar que os valores consecutivo e conclusivo estão convencionalmente associados ao item *depois*: estes valores são pragmaticamente inferidos.

No *corpus*, encontram-se mais 56 ocorrências do tipo das acima transcritas, o que representa, em termos percentuais, 1,95%(2).

(1) Cf. STEPHEN LEVINSON, *Pragmatics*, Cambridge (Cambridge University Press), 1983, p.146-147.

(2) Julgamos pertinente mencionar que excluímos do *corpus* inicial cerca de 80 ocorrências em que *depois* parecia carrear simultaneamente valores de tipo temporal e causal.

8.3. Síntese parcial

Do ponto de vista semântico, *depois*, como é característico dos adjuntos de localização temporal, contribui para as condições de verdade das frases em que ocorre.

Como ficou dito a propósito de *antes*, também *depois* pode ser analisado verocondicionalmente: a frase em que ocorre é verdadeira se a situação nela descrita ocorrer no intervalo de tempo delimitado pelo adjunto adverbial. Isto significa que a verdade da frase depende não só da verdade das proposições nela presentes, mas também da verdade da relação de temporalidade instaurada pelo conector.

Comparando brevemente o localizador temporal *depois* com o localizador espacial que descrevemos na última secção, ressalta uma clara proximidade semântico-funcional: são ambos operadores de uma localização num eixo de sucessividades, um espacial e o outro temporal. Localizam situações e/ou entidades, marcando a mesma relação de ordem.

Vimos atrás que a localização espacial instaurada por *depois* exige a consideração de dois pólos, um inicial e um final, entre os quais há um movimento potencial. A propósito da localização temporal, afigura-se-nos ainda mais evidente que o eixo em que se localizam as situações descritas se encontra também ele orientado; neste caso, porém, só é possível uma orientação: a do próprio curso do tempo cronológico. Assim, parece-nos legítimo afirmar que a compreensão do *depois* temporal também integra a noção de movimento.

Com base nestes dados, poderemos concluir que o funcionamento semântico dos itens temporal e espacial em apreço manifesta um isomorfismo parcial entre os modelos de conceptualização do espaço e do tempo.

No *corpus* analisado, o *depois* com valor temporal é inequivocamente maioritário. A par da multiplicidade de ocorrências com este valor, é também notável a diversidade de estruturas em que o item ocorre.

9. Valores de ordenação avaliativa

Os valores espacial e temporal dizem respeito ao mundo físico, ou seja, a situações externas. No *corpus* em análise, o item *depois* é também usado para marcar a ordenação em escalas de tipo avaliativo. Consideremos os seguintes exemplos:

(69) «Primeiro vem a profissão, o emprego, o futuro. Depois tem que vir o resto» [Ref.: O1726].

(70) Não, não! Prefiro o Porto, e só depois o Benfica.

Em (69) e (70), estamos perante situações que são colocadas em diferentes planos no interior de uma escala avaliativa. A ordenação relativa destas situações decorre de uma comparação e da atribuição de valores distintos a cada uma delas. O locutor manifesta a prioridade ou preferência por uma situação em detrimento de uma outra. *Depois* introduz a proposição que representa a situação avaliada pelo sujeito como menos positiva ou não preferencial.

Nestes contextos, *depois* assume um significado eminentemente avaliativo. Este valor de *depois* é semanticamente converso do valor preferencial de *antes*, descrito na secção 4.1. Note-se que os lexemas ligados à situação avaliada como preferencial — *primeiro* (em (69)) e *prefiro* (em (70)) — são perfeitamente parafraseáveis por *antes de mais*, expressão que destaca o escalonamento das duas situações envolvidas em cada caso.

No *corpus* em análise, detectámos apenas 12 ocorrências de *depois* com este tipo de valor. Nestes enunciados, *depois* ocorre em estruturas do tipo *Y e depois (de Y) X*, encontrando-se estas variáveis sempre preenchidas lexicalmente.

Na estrutura *Y e depois (de Y) X*, a situação representada por *X* é a avaliada como não preferencial. Daqui poderá concluir-se que a ordenação dos espaços de um eixo avaliativo se orienta do que é considerado mais positivo ou preferível (posicionado na série *antes* dos demais — o pólo inicial) para o

menos positivo ou preterido (posicionado *depois* dos outros espaços — o pólo final). Esta orientação segue o esquema:



A delimitação dos pólos inicial e final e a ordenação dos demais espaços no interior da série avaliativa resultam de uma determinada atitude valorativa. Esta atitude é, por conseguinte, a perspectiva que configura o eixo. De facto, as mesmas entidades poderão ser posicionadas em diferentes espaços da série quando se altera a perspectiva que as organiza — veja-se, por exemplo, uma reacção possível ao enunciado em (70):

(71) Não concordo! *Primeiro* o Benfica, e só depois o Porto.

Neste aspecto, o valor de *depois* evidencia um paralelismo entre o eixo espacial e o eixo avaliativo: tanto um como outro configuram um *continuum* que admite diversas estruturas, em função da perspectiva adoptada.

Por outro lado, é de notar que a expressão *Primeiro* — presente em (69) e (71) — admite ser parafraseada por *antes*, o que evidencia o valor converso destes itens, também característico da localização espacial(1).

Há ainda uma outra semelhança que merece ser destacada. Este modelo de ordenação de espaços avaliativos parece paralelo, em termos conceptuais, ao processo de ordenação de localizações espaciais com base na linha do olhar, que descrevemos atrás. Efectivamente, também nesta forma de ordenação de espaços físicos é determinante o locutor — mais concretamente, a sua posição física — e a menor ou maior distância que o separa das entidades representadas.

(1) Note-se que o operador que introduz o espaço avaliativo preferencial, *primeiro*, possui também funções de ordenação que marcam uma anterioridade relativa em eixos de tipo temporal e espacial.

Assim, salientando as afinidades entre estes dois eixos, poderemos dizer que há uma maior distância (física/espacial ou subjectiva/avaliativa) entre o locutor e a entidade ou situação prefaciadas por *depois* do que entre o locutor e a entidade ou situação tomadas como ponto de referência.

Em síntese, é de registar que há um isomorfismo entre significados ancorados no mundo externo (eixos espacial e temporal) e significados que relevam do mundo interno (atitude avaliativa do sujeito). Ou seja, *depois* opera em dois domínios semânticos distintos: um domínio mais objectivo e concreto, o domínio do espaço físico e do tempo, e um domínio mais subjectivo e abstracto, o da avaliação. Parece haver uma projecção metafórica do domínio espaço/tempo para o domínio da avaliação. Este último domínio é estruturado nos mesmos moldes topológicos, o que significa que a ordem espacial/temporal sofreu um processo de subjectivação.

Como afirma Eve Sweetser:

«we generally use the language of the external world to apply to the internal mental world, which is metaphorically structured as parallel to that external world»(1).

10. Valores em sequências de tipo argumentativo

10.1. *Depois* na introdução de argumentos

Consideremos os exemplos:

(72) Não me apetece ir ao cinema; depois nem sequer gosto muito desse realizador.

(73) «A vinha, esta agora é o produtozito inda que pode deixar alguma coisa, é a vinha. Sim, ao preço em que tá o vinho e coisa, porque dá, não dá tanta despesa como a oliveira.

(1) Veja-se EVE SWEETSER, *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*, Cambridge (Cambridge University Press), 1990, p. 50.

A oliveira dá muita despesa. E ao depois calha a colheita nos dias pequenos» [Ref.: 794-08-L02-002-60-M-E-1-1-H].

e ainda o (66):

(66) «Esses [turcos] lavaram-se cá em casa. Lavá-los lá eram muito caros. Lá é muito caros, é isto e depois punham lixívia e tudo, depois estragava tudo»(1).

Parafraaseável por *além disso* ou *de resto*, *depois* veicula nestes contextos um valor argumentativo. Introduce um argumento suplementar que, ao agregar-se a outro já formulado no discurso prévio, realiza um valor de tipo corroborativo(2).

Em (72), acrescenta um argumento para justificar a decisão do locutor de não ir ao cinema; em (73), o segundo argumento, introduzido por *depois*, conjuga-se com o primeiro, o facto de a oliveira não ser tão rentável como a vinha, e ambos suportam uma mesma conclusão — a preferência pelo cultivo da vinha; em (66), a expressão introduzida por *depois* aduz uma segunda razão para justificar a realização da limpeza dos turcos em casa.

No *corpus*, registam-se 118 ocorrências em que *depois* carrega inequivocamente este tipo de valor (o que corresponde a 4,05% do total de ocorrências). O conector *depois* articula dois argumentos co-orientados, prefaciando o que é apresentado em segundo lugar. O argumento que possui maior força argumentativa é aquele que é asserido em primeiro lugar; o argumento introduzido por *depois* tem uma função meramente corroborativa, de reforço.

Este valor de *depois* parece semanticamente bastante próximo do que ocorre em séries de tipo avaliativo, designadamente em dois aspectos. Por um lado, porque manifesta a inter-

(1) A segunda ocorrência de *depois* foi já analisada na secção 8.2..

(2) Os enunciados que se seguem revelam claramente que o segundo argumento é coorientado em relação ao primeiro:

(i) Os miúdos não gostam de sopa. Depois, dá muito trabalho fazê-la.

(ii) ?? Os miúdos não gostam de sopa. Depois, dá pouco trabalho fazê-la.

venção de uma atitude interna de avaliação comparativa de dois (ou mais) argumentos. Por outro lado, porque, tal como verificámos nas séries avaliativas, também a expressão prefaciada por *depois* é, em termos comparativos, apreciada como menos importante.

Esta proximidade conceptual manifesta-se ainda na possibilidade de o primeiro argumento ser prefaciado pela expressão *antes de mais*, que destaca a prevalência desse argumento em detrimento do introduzido por *depois*(1). Veja-se, por exemplo, a seguinte adaptação de (66):

(66'') Esses turcos foram lavados cá. *Antes de mais*, porque lavá-los lá seria muito caro. Depois, porque eles usam lixívia, o que estragaria o tecido.

É também relevante notar que o *depois* de valor argumentativo aparece, por vezes, combinado com outras expressões de valor idêntico, como no enunciado (74), em que a expressão *de mais a mais* parece semanticamente redundante:

(74) «Se é muita quantidade aquilo a gente vê-se doidos com aquilo. Pois. Hoje o pessoal para aqui tá muito escasso. Tá. Tá muito difícil de pessoal. E depois de mais a mais agora o tempo tem andado esta semana e a semana passada sempre muito chovendo e numa altura destas, isso é um caso sério, não é» [Ref.: 594-02-TA3-004-39-M-I-1-1-00].

Por último, é de destacar que, quanto ao funcionamento sintáctico-semântico, o item desta secção é distinto dos descritos nas secções anteriores. Aplicando os testes propostos por Quirk e seus colaboradores(2), concluiremos que, enquanto o *depois* de localização espacial e temporal está integrado na estrutura da oração (sendo, como tal, considerado «adjunct»), o

(1) Como vimos atrás, também os espaços avaliativos preferenciais admitem prefaciadores deste tipo.

(2) Vide RANDOLPH QUIRK *et alii*, *A Grammar of Contemporary English*, London (Longman), 1972, p. 417-532.

depois argumentativo é periférico à estrutura oracional e realiza primariamente uma função de conexão (pertencendo, na terminologia destes autores, à classe dos «conjuncts»).

10.2. *E depois?*

O conector *depois* aparece ainda em contextos argumentativos, numa estrutura interrogativa quase ritualizada. O exemplo que se segue procura ilustrar muitos enunciados que temos registado frequentemente no dia-a-dia(1):

(75) -Sim, é verdade que fui ver esse filme. E depois? Já tenho 17 anos!

Logo numa primeira abordagem, notamos que *e depois?* é funcionalmente idêntico a expressões como *e então?*(2) e *e daí?*, características de interacções orais. Procurando tornar mais claro o sentido desta expressão, vejamos possíveis paráfrases da mesma. Em (75), a pergunta *E depois?* admite as seguintes paráfrases:

(75a) *O que queres dizer com isso?*

(75b) *O que conclus a partir disso?*

Num contexto adequado à enunciação de (75), este enunciado constitui certamente uma réplica a uma observação feita por um outro locutor, a qual é retomada pelo enunciador de (75) na asserção inicial. A expressão *E depois?* indicia que a asserção anterior é (ou poderá ser) interpretada como uma premissa de um raciocínio que permitirá legitimar uma determinada con-

(1) No *corpus* de referência, não encontramos nenhuma ocorrência de *depois* com o valor que se descreve nesta secção. No entanto, como é usado frequentemente nas interacções verbais, impõe-se que o consideremos neste estudo.

(2) Cf. a descrição do item *então* realizada por ANA CRISTINA M. LOPES, *ob. cit.*, p. 184.

clusão(1). Este raciocínio é, porém, invalidado pelo locutor, que na última asserção da sua intervenção apresenta um argumento («Já tenho 17 anos») que visa refutar a validade da conclusão implícita pelo seu interlocutor. Por outras palavras, o locutor de (75) contra-argumenta, e a estrutura interrogativa assinala justamente o início dessa contra-argumentação. *E depois?* põe em causa a relevância da asserção do primeiro falante, assinando que dela não é possível inferir a conclusão visada.

Assim, em enunciados do tipo do acima transcrito, o uso de *depois* pressupõe uma relação de continuidade, ao nível epistémico, entre premissas e conclusão; mas é precisamente esse nexos de continuidade que o locutor bloqueia, ao inserir *depois* numa estrutura interrogativa.

11. *Depois* marcador de estruturação textual/discursiva

11.1. *Depois* como sequenciador textual

Consideremos os seguintes enunciados:

(76) «o meu trabalho tem, abrange dois livros, um de seiscentas páginas, que é a tese, *grosso modo* a tese e depois tem um outro com, um outro com oitocentas e tal páginas» [Ref.: 332-15-TA0-006-60-M-B-6-5-C].

(77) Preciso de comprar ovos, leite, farinha... e depois margarina, fermento e ainda cacau em pó.

Nestes enunciados, temos sequências textuais de tipo aditivo em que (*e*) *depois* assegura a conexão de uma sequência semanticamente coordenada a uma outra. Em ambos os exem-

(1) Em (75), estamos perante um esquema inferencial defectivo em que uma das premissas e a conclusão não são explicitadas. São termos deste entimema:

- premissa expressa: o locutor de (75) viu aquele filme;
- premissa implícita: aquele filme não era aconselhável para (a idade de) o locutor de (75);
- conclusão: o locutor de (75) não deveria ter visto aquele filme.

plos, *depois* é usado na articulação de termos de uma listagem ou enumeração - envolvendo apenas dois termos em (76) e seis em (77). Em algumas das ocorrências do *corpus*, em enumerações envolvendo mais de dois termos, regista-se um uso recorrente deste item para a conexão copulativa desses termos, particularmente em casos em que os itens da enumeração são apresentados sob a forma de expressões mais ou menos extensas.

É de notar que os termos de sequências deste tipo mantêm entre si uma relação simplesmente aditiva ou coordenativa. Assim, a sua ordem na linearidade do discurso é, em princípio e geralmente, arbitrária — por exemplo, embora em (76') se altere a ordem linear dos termos da enumeração apresentada em (76), daí não decorrem diferenças semânticas relevantes:

(76') O meu trabalho abrange dois livros: um de oitocentas e tal páginas e depois tem outro de seiscentas páginas.

A ordem que existe entre os termos de uma lista ou enumeração é, portanto, meramente textual. Note-se ainda que *depois* pode prefaciá qualquer um dos termos da enumeração, excepto o primeiro. Podemos então concluir que a função de *depois* consiste em marcar uma relação de posterioridade entre unidades textuais que pertencem a um mesmo eixo, sendo a orientação deste eixo definida pela linearidade discursiva.

No nosso *corpus*, este item ocorre ainda com uma função idêntica em sequências textuais mais globais. Vejamos o exemplo:

(78) «nós tínhamos uma turma de inglês de segundo ciclo, uma turma de inglês de terceiro ciclo e uma turma de alemão, para teres uma ideia relativamente geral dos vários métodos a adoptar nos vários graus. Bom. E depois o senhor chamado professor metodólogo dá uma série de aulas que deviam ser aulas exemplares, não é, para tu veres mais ou menos como é que se dá uma aula» [Ref.: 304-14-A00-013-30-F-A-6-8-B].

Neste enunciado, *depois* introduz uma sequência que parece desenvolver um subtópico de um tópico mais global.

Numa leitura de (78), embora cerceados pela curta extensão do cotexto, podemos concluir que o tópico textual(1) é o estágio escolar — mais especificamente, as estratégias usadas para uma melhor preparação do professor estagiário; e, por sua vez, (i) a diversidade de turmas do estagiário e (ii) a assistência do estagiário às aulas do metodólogo (sequência prefaciada pela expressão *e depois*) são subtópicos ou elaborações desse tópico global.

Assim, podemos verificar que *depois* introduz uma parte de uma estrutura mais ampla, marcando o início de uma nova etapa na intervenção discursiva, a qual está coorientada em relação a uma outra etapa, ou a outras etapas, do cotexto precedente.

Comparando o *depois* que ocorre em (78) com o de (76) e (77), a distinção concerne sobretudo ao tipo de constituintes articulados: efectivamente, enquanto nos dois primeiros enunciados *depois* articula constituintes oracionais ou frásicos, no último enunciado articula sequências textuais mais extensas.

Em ambos os casos — conexão de itens de uma enumeração e de sequências textuais —, porém, a ocorrência de *depois* implica a presença de termos ou subpartes já apresentados no discurso, em relação aos quais se define a posição de posterioridade. Efectivamente, não se regista a presença deste item em início absoluto de texto.

Este valor de *depois* na marcação da ordenação de unidades discursivas sequenciais manifesta uma conceptualização do texto como produção ou acto dinâmico orientado para o futuro (confirmando-se, mais uma vez, a proposta de Hanna Batoréo atrás mencionada).

No *corpus* são relativamente frequentes as ocorrências de *depois* com esta função: totalizam 321 ocorrências, o que corresponde, aproximadamente, a 11% dos registos considerados.

(1) Usamos o termo *tópico* na acepção de Teun van Dijk: veja-se, e.g., TEUN A. VAN DIJK, *Macrostructures*, Hillsdale (Lawrence Erlbaum Associates), 1980.

11.2. Depois como marcador da planificação textual

No *corpus* em análise, encontram-se diversas ocorrências de *depois* em que o uso deste item, embora também marque a ordenação de unidades textuais, corresponde mais nitidamente a uma estratégia de planificação textual. Vejamos os seguintes enunciados:

(79) «Realmente faltam três coisas à Europa, falta primeiro, uma vontade política, para ter uma política externa comum, faltam depois instituições capazes de suportar essa vontade política, e falta em terceiro lugar capacidade militar» [Ref.: OP23F4C0092XOO20F991PXXXXXX].

(80) «Mas pensei que falar... inicialmente no, em Portugal e na construção da Europa, falar a seguir, naquilo que me parece importante definir – em termos portugueses – o que é o papel do estado, e o papel dos agentes económicos e sociais; falar depois dum problema essencial – a educação e os recursos humanos, e a formação dos recursos humanos –, e finalmente falar da responsabilidade dos cristãos na construção da Europa» [Ref.: OP33B3B0022XPPXXXXXXPPXXXXXX].

Nestes enunciados, a análise da função textual/discursiva de *depois* terá necessariamente de tomar em consideração a ocorrência das expressões *primeiro* e *em terceiro lugar* – em (79) – e *inicialmente*, *a seguir* e *finalmente* – em (80). O valor de *depois* está coorientado com o destas expressões: conjuntamente, realizam a função de assinalar as partes em que se subdivide a informação. Estes conectores ordenam, pois, a matéria discursiva, representando a distribuição ou hierarquização das seqüências que constituem o enunciado.

Em usos deste tipo, *depois* está ao serviço da marcação da planificação textual – ou seja, inscreve no texto coordenadas do mesmo. Assim, embora seja perceptível uma certa proximidade em relação ao valor temporal, o que está em causa neste enunciado é o tempo interno do próprio discurso/texto(1). De

(1) Note-se que as expressões que marcam a planificação textual nos enunciados analisados são igualmente usadas para marcar a ordenação em

facto, *depois* funciona aqui ao nível do *dicere* e não do *dictum* — isto é, marca uma relação estritamente textual e não relações entre conteúdos proposicionais.

11.3. Depois como marcador de continuidade discursiva

Há contextos em que *depois* parece assinalar apenas a continuidade do discurso, isto é, parece indicar tão-somente que o que se segue está, de algum modo, relacionado com o que ficou dito anteriormente. As ocorrências de *depois* com este tipo de valor são também relativamente frequentes: contabilizamos 452, o que representa cerca de 15,5% do *corpus*.

Vejam-se os seguintes enunciados:

(81) «resolvi experimentar e tal fazer uma letra de canção – era uma coisa horrorosa! Saiu uma coisa! – chamada: o homem. Então era: (o homem, o homem fugiu, fugiu. O homem, o homem nem sua aldeia não viu). Depois é... Depois... Depois fazia outras coisas, naquela altura das revoluções...» [Ref.: 1167-22-A00-027-20-M-A-4-8-0].

(82) «Eu também nunca namorei muito porque eu não gosto. Eu namorei um rapaz que tinha o sétimo ano, depois, ele escreveu-me ainda umas tantas cartas, escreveu-se comigo, mas eu: ‘ora, ora!’, disse cá para comigo» [Ref.: 1119-08-L06-004-15-F-H-1-2-0].

Nestes enunciados, *depois* parece funcionar como um operador discursivo de ligação, uma espécie de bordão linguístico. Em (81), o uso reiterado do item parece determinado pela intenção de assegurar o uso da palavra, marcando um compasso de espera correspondente à preparação do prosseguimento do dis-

eixos espaciais e temporais. A propósito de itens idênticos do Inglês, Randolph Quirk e os seus colaboradores constataam: «The succession in time or place conveyed by the adjuncts is converted into the logical succession of discourse when there is the implication of a verb of speaking» – Cf. RANDOLPH QUIRK, *ob. cit.*, p. 524.

curso. Em ambos os casos, *depois* surge entre sequências de um mesmo enunciado e introduz uma sequência que, na linearidade discursiva, ocupa uma posição de posterioridade relativamente a outra(s).

A ocorrência de *depois* em enunciados deste tipo indica desde logo que a sequência por ele prefaciada dá continuidade a sequências (imediatamente) anteriores.

Julgamos que a função deste item é essencialmente de carácter fático, visto que, pelo uso de *depois*, o locutor indica que ainda não terminou a sua intervenção discursiva e, deste modo, procura manter a atenção do seu interlocutor.

* * *

12. Considerações finais

Dado que fomos elaborando sínteses parciais ao longo do trabalho, resta-nos mencionar aqui o que esta pesquisa evidencia num plano teórico mais abrangente sobre a natureza da própria significação linguística.

Confrontando os resultados da investigação sobre os diversos valores de *antes* e *depois*, podemos concluir que ambos operam em diferentes domínios da significação. Os valores de localização espacial e temporal pertencem ao domínio referencial ou denotacional, tradicionalmente privilegiado pela semântica, e podem ser descritos em termos verocondicionais, no âmbito de uma semântica estritamente composicional. Claramente dominante no *corpus*, o valor temporal parece configurar o significado prototípico dos dois itens em apreço: ambos marcam uma ordenação num eixo, a partir de um ponto de referência(1).

(1) Não possuímos dados para afirmar a precedência histórica do valor temporal relativamente ao valor espacial. Falamos de valor prototípico tendo em conta apenas o estudo sincrónico que fizemos.

Os valores de ordenação numa escala avaliativa parecem resultar de uma derivação metafórica a partir deste valor nuclear primitivo. Com efeito, há como que uma projecção no domínio da avaliação subjectiva da relação de ordem expressa, num processo de subjectivização da significação.

Esta derivação parece comprovar uma ideia-chave defendida no âmbito da Linguística Cognitiva, segundo a qual domínios mais abstractos da experiência humana se estruturam metaforicamente a partir da formatação de domínios mais concretos e basilares. Assinale-se que a dimensão avaliativa detectada é um valor de natureza modal: a informação expressa traduz a atitude do falante face aos objectos ou estados de coisas proposicionalmente representados. Assim, ao operarem no domínio interpessoal da significação, os itens em apreço inscrevem o locutor no discurso(1).

Ainda no domínio interpessoal, podemos referir duas derivações curiosas que envolvem o plano da significação ilocutória: referimo-nos, concretamente, ao valor reformulador/rectificativo da expressão *ou antes* e ao valor argumentativo de *depois*. Em ambos os casos, estamos perante conectores discursivos que assinalam funções ilocutórias, viabilizando a construção da coerência pragmático-funcional do texto. A ordenação numa escala avaliativa é transposta para o plano accional: ao rectificar o que acabou de dizer, recorrendo ao conector *ou antes*, o locutor manifesta preferência por uma formulação alternativa; ao introduzir, pelo recurso a *depois*, um segundo argumento co-orientado, o locutor marca-o como menos relevante, ou seja, avalia-o como não preferencial. O processo de

(1) Um aspecto que não foi devidamente explorado neste estudo, e que merece, por conseguinte, uma posterior reflexão, prende-se com a eventual alteração do estatuto sintáctico destes itens nas construções em que a expressão da avaliação subjectiva é central. Diremos apenas que os advérbios espaciais e temporais introduzidos por *antes* e *depois* são sempre adjuntos a SV; quando expressa uma ordenação numa escala avaliativa, *antes* ocorre em construções comparativas, que envolvem duas proposições conectadas por subordinação.

gramaticalização que ‘transforma’ os advérbios em conectores é acompanhado por especificações pragmáticas que parecem corresponder a uma extensão progressiva da matriz prototípica acima referida. Nestes contextos, a significação veiculada parece ser de tipo instrucional: o conector funciona como guia para a interpretação, assinalando um tipo particular de relação discursiva.

Finalmente, *antes (de mais)* e *depois* funcionam também como meros marcadores de estruturação textual/discursiva. A expressão de uma relação de ordem (anterioridade ou posterioridade) relativamente a um ponto de referência situado no mundo externo (o valor que considerámos constituir o significado prototípico destes itens) é agora transposta para o domínio exclusivamente discursivo/textual.

A análise dos dados parece legitimar um quadro teórico que contemple diversos domínios ou níveis de significação(1): a notável variação de uso que caracteriza o funcionamento sincrónico destes dois itens é um argumento empírico a favor de uma concepção integrada de diferentes níveis de significação.

Universidade de Coimbra
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

ANA CRISTINA MACÁRIO LOPES
MARIA FELICIDADE MORAIS

(1) Halliday propôs-se considerar de forma integrada três domínios, correspondentes às três meta-funções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual. Cf. M. A. K. HALLIDAY, *An Introduction to Functional Grammar*, London (E. Arnold), 1985. Muitos outros linguistas trabalham actualmente em quadros teóricos que igualmente postulam a consideração de diversos níveis de significação. Cf., entre outros, EVE SWEETSER, *ob. cit.*; e G. REDEKER, *Ideational and Pragmatic Markers of Discourse Structure*. In: *Journal of Pragmatics*, nº 14, 1990, p. 367-381.

RÉSUMÉ

Dans cet article, nous décrivons les différentes valeurs des adverbes *antes* et *depois*, à partir d'une analyse synchronique fondée sur l'observation de l'usage linguistique. Les données empiriques ont été prélevées dans le CRPC (*Corpus* de Référence du Portugais Contemporain). La valeur temporelle étant prototypique, d'autres valeurs ont été décrites, notamment celles qui relèvent de la localisation spatiale, de l'évaluation scalaire, de la dimension illocutoire et de la structuration textuelle/discursive.

Antes et *depois* sont polyfonctionnels parce qu'ils opèrent dans différents domaines de la signification, à savoir, les domaines référentiel, interpersonnel et textuel. La valeur prototypique - expression d'une relation d'antériorité ou de postériorité par rapport à un point de repère temporel - se projette sur ces différents domaines, originant un réseau flexible de dérivations sémantiques. Ces dérivations impliquent souvent des procédés de grammaticalisation (l'adverbe devient un connecteur discursif), accompagnés de spécifications pragmatiques.

ABSTRACT

In this paper, we describe the semantic values of the adverbs *antes* and *depois*. The synchronic analysis is based on empirical data collected in the "Reference *Corpus* of Contemporary Portuguese". Besides the prototypical temporal value, we describe a gradual extension of senses, which involve various domains: space, scalar evaluation, illocution and text/discursive structure. The theoretical hypothesis put forward is the following: the polyfunctional nature of these items may be explained if we assume that linguistic significance is allocated to several levels of analysis: propositional, interpersonal and textual.

The prototypical value – the expression of an anteriority or posteriority relation regarding a reference point – is mapped on these different levels, within a network of semantic links. It is our opinion that the grammaticalization process (the category change from adverbs into connectives) is accompanied by pragmatic specifications.